

**ACÁCIA SOUZA DE OLIVEIRA**

**RIBEIRÃO MESTRE D'ARMAS:  
PERCEPÇÕES DE MORADORES DE PLANALTINA - DF**

**Planaltina – DF**

**2014**

**ACÁCIA SOUZA DE OLIVEIRA**

**RIBEIRÃO MESTRE D'ARMAS:  
PERCEPÇÕES DE MORADORES DE PLANALTINA - DF**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Gestão Ambiental da Faculdade UnB Planaltina, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Gestão Ambiental.

Orientador: Dr<sup>a</sup>.Regina Coelly Fernandes Saraiva

**Planaltina – DF**

**2014**

OLIVEIRA, Acácia Souza. **Ribeirão Mestre d'Armas: Percepções dos Moradores de Planaltina - DF**. Planaltina – DF. 2014. 58f

Monografia – Faculdade UnB Planaltina, Universidade de Brasília.

Curso de Bacharelado em Gestão Ambiental.

Orientador: Dr<sup>a</sup>. Regina Coelly Fernandes Saraiva

1. História Ambiental. 2. Planaltina. 3. Ribeirão Mestre d'Armas. I OLIVEIRA, Acácia. II Ribeirão Mestre d'Armas: Percepções de Moradores de Planaltina - DF.

Acácia Souza de Oliveira

**Ribeirão Mestre d'Armas: Percepções de Moradores de Planaltina - DF**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Gestão Ambiental da Faculdade UnB Planaltina, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Gestão Ambiental.

Banca examinadora:

Planaltina – DF, 22 de Agosto de 2014

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Regina Coelly Fernandes Saraiva

---

Prof<sup>o</sup>. Dr<sup>o</sup>. Irineu Tamaio

---

Prof<sup>o</sup>. Dr<sup>o</sup>. Kelerson Semerene Costa

*Dedico esse trabalho a minha família.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço,

A Deus, por ter me dado força.

A minha família, Joaquim, Ildenê e Dália por terem me apoiado nas decisões de minha vida.

A Prof.<sup>a</sup> Regina Coelly, por ter aceitado ser minha orientadora.

Aos meus amigos da Faculdade UnB Planaltina, Priscila e Glauber e amigos da igreja, Bruna, Rafaela e Rômulo por terem me incentivado.

As pessoas que participaram da pesquisa, por dedicarem seu tempo para me ajudar na realização deste trabalho de final de curso.

*“O Homem que volta ao mesmo rio, nem o rio é o mesmo rio, nem o Homem é o mesmo Homem.”*

*Heráclito*

## RESUMO

Os cursos d'água do Distrito Federal e Goiás foram fundamentais na localização geográfica dos sertanistas e expedições que procuravam ouro nessa região, desde o século XVII, além de serem importantes para o surgimento de cidades no interior do Brasil, como foi com a cidade de Planaltina que surgiu às margens do ribeirão Mestre d'Armas. A região onde fica Planaltina foi ponto estratégico para o escoamento do ouro e ligava cidades de Goiás aos centros urbanos como Salvador e Cachoeira, ambas localizadas na Bahia. O rápido crescimento dessas cidades no interior levou a Administração Colonial a doar imensos lotes de terras, as sesmarias, como forma de incentivo à fixação de agricultores e pecuaristas. O Arraial do Mestre D'Armas, antiga Planaltina, é desse contexto. Planaltina passou por grandes modificações na configuração do seu espaço após a construção de Brasília na década de 60, proveniente do rápido crescimento da cidade que recebeu vários imigrantes que se mudaram para a nova capital brasileira. O rápido crescimento populacional ocasionou impactos expressivos aos cursos d'água presentes em Planaltina, com é o caso do Ribeirão Mestre d'Armas. São eles: ocupação territorial desordenada, impermeabilização de áreas de recarga de aquíferos, exploração intensiva das águas subterrâneas e lançamento de esgotos em estado bruto nos mananciais. Por isso essa pesquisa tem como o objetivo (re)conhecer percepções de moradores de Planaltina sobre o ribeirão Mestre d'Armas. O primeiro momento deste trabalho foi realizar levantamento bibliográfico e documental sobre o tema e o segundo momento consistiu na aplicação de questionários com moradores de Planaltina. A história ambiental é uma ferramenta utilizada para entender como o Homem muda a natureza, o principal campo de atuação da história ambiental é esclarecer como o ser humano foi influenciado pela natureza e vice-versa. A história ambiental trabalha o conceito de natureza associado às dimensões cultural, econômica e política. Ao longo da história os rios foram importantes para o surgimento das primeiras cidades, sendo que a poluição dos rios é um problema notado desde a época de Aristóteles. A maioria das bacias hidrográficas brasileiras tem suas nascentes localizadas no bioma Cerrado, portanto qualquer impacto causado aos recursos hídricos nessa área pode desencadear uma série de problemas nas demais bacias hidrográficas. O ribeirão Mestre d'Armas é um dos principais rios que formam o Rio São Bartolomeu, que padece principalmente da ocupação em constante crescimento. As respostas obtidas pelo questionário foram às fontes para a discussão desse trabalho. De acordo com as memórias dos moradores, o ribeirão Mestre d'Armas era um local de lazer, utilizado para piquenique, pescaria e banho. Os usos relacionados ao ribeirão Mestre d'Armas são diversificados e demonstram sensibilidades em relação a natureza. Os moradores chamavam o ribeirão de 'Rio de Bichinho' por causa de um morador apelidado de 'Bichinho' que morava nas margens. O volume de água era maior e a mata nas margens era mais preservada. Atualmente a vegetação diminuiu em virtude da construção de casas ao longo da suas margens e sua qualidade está comprometida pelo despejo irregular de lixo e esgoto nas margens. A atividade realizada no ribeirão consiste em trilhas e vistas guiadas que são feitas na Lagoa Bonita, nascente do ribeirão. Os moradores têm consciência da importância da conservação do mesmo. São necessárias medidas que visam à conservação do ribeirão Mestre d'Armas, em virtude da importância da água para a manutenção da vida e do valor histórico que o ribeirão representa para Planaltina.

**Palavras-chave:** História Ambiental; Planaltina; Ribeirão Mestre d'Armas.



## ABSTRACT

Watercourses of the Distrito Federal and Goiás were instrumental in the geographical location of expeditions and explorers seeking gold in this region since the seventeenth century, and are also important for the emergence of cities in the interior of Brazil, as it was with the City of Planaltina that arose on the banks of the stream Mestre d'Armas. The region is where Planaltina was a strategic point for the flow of gold and connected cities of Goiás to urban centers such as Salvador and Cachoeira, both located in Bahia. The rapid growth of these cities within the Colonial Administration led to donate huge lots of land, the land grants as a way of encouraging the establishment of farmers and ranchers. The Arraial Mestre d'Armas, former Planaltina, is that context. Planaltina has undergone major changes in its configuration space after the construction of Brasília in the 60s, from the rapid growth of the city received many immigrants who have moved to the new Brazilian capital. Rapid population growth has caused significant impacts to water courses present in Planaltina, as in the case of the Brook Mestre d'Armas. They are disorganized land occupation, waterproofing areas of groundwater recharge, intensive exploitation of groundwater and release of raw sewage in the drinking water state. Therefore this research is the goal (re) meet residents' perceptions Planaltina on Mestre d'Armas creek. The first time this work was bibliographical and archival work on the subject and the second stage consisted of questionnaires with residents Planaltina. Environmental history is a tool used to understand how the man changes the nature, the main target field of environmental history is to clarify how the human being was influenced by nature and vice versa. Environmental history with the concept of nature associated with cultural, economic and political dimensions. Throughout history the rivers were important to the emergence of the first cities, and pollution of rivers is a problem noticed since the time of Aristotle. Most Brazilian watershed has its headwaters located in the Cerrado biome, so any impact to water resources in this area can trigger a series of problems in other watersheds. Mestre d'Armas creek is one of the main rivers that form the St. Bartholomew, who suffers mainly from occupation constantly growing. The answers obtained by the questionnaire were the sources for the discussion of this work. According to the memories of the residents, the Mestre d'Armas creek was a place of leisure, used for picnic, fishing and bathing. The uses related to the stream Mestre d'Armas are diverse and demonstrate sensitivity towards nature. The locals called the stream of 'Rio de Bichinho' because of a resident nicknamed 'Bichinho' who lived on the banks. The volume of water was higher and the forest on the banks was more preserved. Currently the vegetation decreases due to the construction of houses along its banks and its quality is compromised by the irregular dumping of garbage and sewage in the margins. The activity performed in the creek consists of trails and guided tours that are made Bonita Lake, headwaters of the creek. Residents are aware of the importance of conservation of the same. Necessary measures aimed at preserving the creek Mestre d'Armas, because of the importance of water for the maintenance of life and the historical value of the stream is to Planaltina are.

**Keywords:** Environmental History; Planaltina; Ribeirão Master d'Arms.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Bacias Hidrográficas do Distrito Federal	29
Figura 2: Mapa da Capitania de Goyas – 1824	31
Figura 3: Mapa da Missão Cruls – 1892	32
Figura 4: Bacia do Rio São Bartolomeu	32
Figura 5: Medição de rios da Bacia do Rio São Bartolomeu	33
Figura 6: Planta de Planaltina – 1958	33
Figura 7: Mapa de localização do ribeirão Mestre d’Armas	38
Figura 8: Vazões Médias do ribeirão Mestre d’Armas, Jusante do Vale do Amanhecer	39

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1: População do Distrito Federal nos anos de 1991, 2000, 2008 e 2010	36
Tabela 2: Setor Habitacional Mestre d'Armas	37

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

**ADASA** - Agência Reguladora de Águas, Energia e Saneamento Básico do Distrito Federal

**APP** - Área de Preservação Permanente

**ARIS** - Áreas de Regularização de Interesse Social

**BA** - Bahia

**CAESB** - Companhia de Saneamento Ambiental do Distrito Federal

**ESECAE** - Estação Ecológica Águas Emendadas

**DF** - Distrito Federal

**GO** – Goiás

**IQA** - Índice de Qualidade de Água do ribeirão

**PDOT** – Plano de Ordenamento Territorial

**PI** - Piauí

**RA** - Região Administrativa

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
METODOLOGIA	18
ÁGUAS, RIOS, HISTÓRIA E SENSIBILIDADES	21
Os Rios e a História Ambiental	23
Percepções e Sensibilidades Ambientais	26
História e Gestão Ambiental	27
RIBEIRÃO MESTRE D'ARMAS: HISTÓRIA E TRANSFORMAÇÕES	28
Localização do Ribeirão Mestre d'Armas	28
Registros Históricos, Ocupação e Transformações nas Margens do Ribeirão Mestre d'Armas	30
PERCEPÇÕES SOBRE O RIBEIRÃO MESTRE D'ARMAS	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS	50
ANEXO	54

## INTRODUÇÃO

Nascentes, córregos e rios do Distrito Federal e de Goiás são relatados e registrados em documentos históricos como mapas e em narrativas e crônicas dos viajantes europeus como a Lagoa Bonita (Distrito Federal), a Lagoa Feia (Formosa – Goiás) e a Lagoa Formosa (Planaltina de Goiás). Esses lugares foram fundamentais para a localização geográfica dos sertanistas e em expedições que procuravam por ouro na região central, desde o século XVII (ELEUTÉRIO, 2013).

Os cursos d'água foram importantes também para o surgimento de cidades no interior do país, como é caso do ribeirão Mestre d'Armas, localizado na Bacia do Rio São Bartolomeu, onde foi fundada a cidade de Planaltina (ELEUTÉRIO, 2013).

Planaltina é uma cidade sertaneja do século XVIII. Nasceu goiana como Arraial de São Sebastião de Mestre D'Armas e hoje é uma das cidades que formam Brasília, no Distrito Federal. Surgiu no contexto da exploração aurífera. Com o fim da exploração do ouro na região, no século XIX, muitas cidades do interior goiano, entraram num processo de ruralização, que só se modificaria com a construção de Brasília (MENDES, 2009).

O sertão, onde se formou o Arraial de São Sebastião de Mestre D'Armas, já foi o sertão dos Goyases (BERTRAN, 2000). A ocupação humana na região onde está localizada a cidade de Planaltina remonta a milhares de anos antes a chegada dos primeiros colonizadores brancos, em 1722. Os índios Goyá ocuparam originalmente a região. Pesquisas mostram uma grande concentração de sítios arqueológicos com ocorrências de vestígios desses grupos que circulavam por essas terras interiores. No Distrito Federal, percorreram lugares como Planaltina, especialmente por causa da presença de muitas nascentes (ELEUTÉRIO, 2013).

Devido a sua posição geográfica estratégica (área de nascentes), inevitavelmente essa região passou a ser ponto de passagem do colonizador português desde o século XVII, quando vagavam inúmeras bandeiras e desbravadores à procura de ouro e do índio, para o apresamento. Dentre as várias expedições que percorreram a região, destacam-se a de Domingos Luis Grou e Antônio Macedo (1590-93), Sebastião Marinho (1592), Domingos Rodrigues (1596-1600), Antônio Pedroso Alvarenga (1615-1618), Sebastião Pais de Barros e Bartolomeu Bueno da Silva, o pai, 1673 e, por último, a bandeira povoadora de Bartolomeu Bueno da Silva, o filho, em 1722 (BERTRAN, 2000).

Duas expedições tiveram uma significativa importância para a região onde se situa Planaltina: a de André Fernandes e a de Urbano do Couto Menezes. Nos remotos anos de 1613-15, a expedição de André Fernandes chegou ao local hoje conhecido como Águas Emendadas. Segundo Bertran (2000), "a bandeira de André Fernandes é importantíssima para a história do Planalto, não por suas ações, mas pelas informações geográficas que deixou." Enquanto a expedição de Urbano do Couto Menezes fundou em 1727 a cidade de Pirenópolis. A partir dessas informações a cartografia portuguesa passou a mostrar, em detalhe, as nascentes dos Rios Maranhão, Paranã e São Bartolomeu, identificando nos mapas uma lagoa, que possivelmente seja a Lagoa Formosa (BERTRAN, 2000).

Planaltina é parte do sertão. A região onde se situa era parte do circuito do ouro em Goiás, que se movimentava em torno da Estrada Real da Bahia (ou Picada da Bahia). Esse caminho fazia a ligação, ao norte, entre o Sertão dos Goyazes com alguns dos mais importantes centros da vida colonial daquele período: Salvador e Cachoeira (BA). Por ele circulavam tropeiros e mineradores. Além disso, esses caminhos eram, ao mesmo tempo, vias de escoamento de mercadorias e instrumento de controle do comércio colonial; função atestada pelo estabelecimento dos registros e contagens (ELEUTÉRIO, 2013).

O rápido crescimento das populações ligadas ao trabalho nas lavras dos Goyazes levou a Administração Colonial a tomar medidas facilitadoras para o estabelecimento de pequenos núcleos de apoio à atividade mineradora. O Reino passou então a doar imensos lotes de terras, as sesmarias, como forma de incentivo à fixação de agricultores e pecuaristas em locais próximos à região mineira. Criaram-se, assim, as condições iniciais para a formação dos primeiros povoados e vilas.

O Arraial do Mestre D'Armas é desse contexto. Sua história remonta à década de 1770, quando, segundo a tradição oral, um descendente de bandeirantes escolheu o lugar para construir sua casa e se dedicar ao trabalho de ferreiro, de consertar e manejar armas. Esse mestre de armas se instalou na região, atendendo os viajantes que transitavam pelas minas de Goiás e Tocantins (no sentido da Estrada do Norte). A mais antiga citação do nome Mestre D'Armas aparece no relato de Luiz da Cunha Menezes, datado de 1778, quando deixava a cidade de Cachoeira (BA) para assumir como Governador da Capitania de Goiás (BERTRAN, 2000).

Existem registros do povoado no início do século XIX, em 1810, quando proprietários do Sítio Mestre D'Armas efetuavam pagamentos de dízimos à paróquia da Vila de Santa Luzia (hoje, Luziânia-GO). No ano seguinte, as terras teriam sido doadas para a fundação do arraial (CASTRO, 1986).

Na primeira metade do século XIX, o arraial ganhou registro nos mapas da região, e é citado como referência devido a sua posição geográfica estratégica: estava localizado no centro divisor de bacias; passagem quase que obrigatória para os viajantes do sertão planaltino. A partir daí, rotas vindas do Rio de Janeiro e Salvador, convergiam para o arraial de Mestre D'Armas: a mais antiga delas era a Picada da Bahia.

O território onde se situava Mestre D'Armas pertenceu, de início, à Vila de Santa Luzia, tendo se transferido para o julgado de Couros, em 20 de junho de 1837. A partir de então, sucessivas anexações e desanexações ocorreram provocadas por manifestações da população local, levando o povoado a pertencer, de acordo com as preferências políticas do poder dominante, ora à Santa Luzia, ora à Formosa (CASTRO, 1986). O arraial de São Sebastião de Mestre D'Armas manteve o nome até 1891, quando então passou a se chamar Vila de Mestre D'Armas, ganhando pela primeira vez autonomia administrativa.

Em 1910, a Vila de Mestre D'Armas teve seu nome alterado para Vila de Altamir, que significa “boa miragem” e, só a partir de 14 de julho de 1917, passou a chamar-se Planaltina.

Na década de 20, a cidade viveu um período de prosperidade e muitas mudanças: automóvel, energia elétrica, implantação de uma empresa de curtume, fábrica de calçados, e abertura da estrada de rodagem ligando Planaltina a Ipameri. Ganhou visibilidade no cenário nacional no ano do Centenário da Independência do Brasil, 1922, quando houve o lançamento, em seu território, da Pedra Fundamental da Futura Capital, assentada no Morro do Centenário, Serra da Independência. Planaltina, nessa época, ficou conhecida em todo o país. Como o local que abrigaria a futura Capital do Brasil.

Na década de 30, as ideias de transferência da Capital perderam força. Planaltina também viveu um período de interrupção no surto de desenvolvimento da década anterior, devido a questões políticas entre o interventor de Goiás, Pedro Ludovico e a família Caiado que, tradicionalmente, dominava a vida política do estado.

Nos anos 40, a mudança da Capital é retomada no cenário político e Planaltina hospedou a Comissão Poli Coelho, que decidiu pela manutenção da localização da futura Capital no mesmo local indicado pela Missão Cruels, em 1892. O quadrilátero do Distrito Federal foi delimitado somente em 1955, com uma área de 5.814 Km quadrados, abrangendo a sede e grande parte do território de Planaltina. Com essa nova definição e com a inauguração de Brasília, Planaltina passou de sede de município goiano para cidade-satélite de Brasília, hoje Região Administrativa VI.



Planaltina possui um rico patrimônio ambiental, formado por lugares como a Estação Ecológica das Águas Emendadas – ESECAE, berço de várias nascentes dos principais rios brasileiros e do ribeirão Mestre d’Armas. A Estação, além de ser um lugar de grande importância para o equilíbrio da biodiversidade no Cerrado, bioma típico da região, possui valor histórico presente em relatos que datam do século XVII.

Desde a inauguração de Brasília, em 1960, as cidades do Distrito Federal e Entorno atraem muitos migrantes. O crescimento populacional em todo o DF gerou, ao longo do tempo, impactos significativos no ambiente, na biodiversidade, nos cursos d’águas de médio e pequeno porte e nos remanescentes de vegetação nativa (BERLINCK, 2008). Os principais problemas encontrados na Bacia Hidrográfica do Rio São Bartolomeu, onde está inserido o ribeirão Mestre d’Armas, foram identificados: ocupação territorial desordenada, impermeabilização de áreas de recarga de aquíferos, exploração intensiva das águas subterrâneas e lançamento de esgotos em estado bruto nos mananciais (BERLINCK, 2008; ELEUTÉRIO, 2013).

Ainda que estes problemas tenham sido identificados, algumas questões moveram a realização da pesquisa: Quais impactos foram mais marcantes em torno do ribeirão Mestre D’Armas ao longo da ocupação de Planaltina? Qual a percepção de moradores de Planaltina em relação às mudanças ocorridas no ribeirão Mestre D’Armas?

Considerando esses questionamentos, definiu-se como objetivo principal da pesquisa (re)conhecer percepções de moradores de Planaltina sobre o ribeirão Mestre d’Armas. Resgatar elementos da historicidade em torno do ribeirão Mestre d’Armas e registrar impactos e mudanças sobre o ribeirão ao longo do tempo também foram objetivos definidos para ajudar a dar respostas aos questionamentos levantados.

É trabalho do Gestor Ambiental promover a preservação da natureza. A água é um elemento vital para a manutenção da vida, por isso é importante que esse recurso seja gerido de forma eficiente para que não venha a faltar no futuro. Neste sentido, preservar rios, nascentes, córregos e ribeirões faz parte da atuação do Gestor Ambiental.

Recorrer à história, resgatar memórias acerca dos usos dos recursos naturais, das águas, rios e ribeirões pode contribuir na gestão do ambiente de modo mais eficiente. Os corpos hídricos, tão vitais para a vida humana, vêm sofrendo com os impactos oriundos das atividades humanas. Em Planaltina, esse processo não tem sido diferente. Por meio desta

pesquisa espera-se levantar as mudanças ocorridas no ribeirão Mestre d'Armas na ótica dos moradores..

## METODOLOGIA

O trabalho de pesquisa foi dividido em dois momentos, privilegiando o método qualitativo para obtenção e análise dos dados. Optou-se por esse método considerando que a “pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (MINAYO, 2001 *apud* SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009).

Uma característica fundamental da metodologia qualitativa é sua singularidade e a não compatibilidade com generalizações.

A investigação qualitativa emprega diferentes alegações de conhecimento, estratégias de investigação e métodos de coleta de dados. Embora os processos sejam similares, os procedimentos qualitativos se baseiam em dados de texto e imagem, têm passos únicos na análise de dados e usam estratégias diversas de investigação (CRESWELL, 2007, p.184).

Trabalhos que têm a pretensão de conhecer as experiências vividas por um grupo específico datam desde o século XIX; a curiosidade sobre o modo de vida, o que pensam e como agem sempre fizeram parte da investigação humana, seja ela uma investigação científica ou empírica (SILVERMAN, 2009). O principal foco da pesquisa qualitativa é a experiência vivida pelo homem em uma dada situação, que é retratada de forma amplamente subjetiva (BAPTISTA; CUNHA, 2007). Silverman (2009) alerta que em pesquisas qualitativas é importante tomar cuidado com aquilo que se vê no campo, é necessário mesclar os dados obtidos em campo com a revisão bibliográfica do assunto.

O primeiro momento deste trabalho foi realizar levantamento bibliográfico e documental sobre o tema: aspectos da história de Planaltina foram sistematizados por meio da literatura existente, tentando sempre buscar os elementos ambientais relacionados à história da cidade, especialmente suas águas, rios, nascentes e ribeirões.

A história e transformações foram sistematizadas por meio desse levantamento; os principais impactos ambientais sobre o ribeirão Mestre d’Armas, ao longo do processo de ocupação e expansão de Planaltina foram levantados e sistematizados. A intenção foi verificar as transformações sofridas e danos causados ao ribeirão pelo crescimento da cidade. A

história da ocupação da região e a relação com o ribeirão Mestre d'Armas serviu para ajudar a compreender a importância do ribeirão para a Planaltina.

Uma importante referência documental para o estudo foi o Plano de Ordenamento Territorial do Distrito Federal - PDOT que trouxe elementos referentes à expansão dos bairros de Planaltina como o Setor Tradicional e os novos condomínios, como a Estância Mestre d'Armas. Esses dois bairros são fundamentais para o estudo, o primeiro por tratar-se do núcleo original da cidade e o segundo por ser um bairro que desde os anos de 1990 está em constante expansão. Ambos estão situados às margens do ribeirão Mestre d'Armas.

A pesquisa bibliográfica também sistematizou elementos da história ambiental e a relação história e gestão ambiental para referenciar o estudo e permitir uma análise que tivesse suporte de aspectos da história.

O segundo momento consistiu na aplicação de questionários (anexo 1) com moradores de Planaltina. O questionário é o método de coleta de dados qualitativo mais utilizado, porque ele apresenta baixo custo, mais rápido, atinge um número maior de pessoas dando-lhes liberdade de expressão e tempo, dependendo do tipo de questões pode-se obter respostas abrangentes ou detalhistas (BAPTISTA; CUNHA, 2007).

O questionário visou acomodar questões relacionadas às mudanças que ocorreram no ribeirão; conhecer a visão dos moradores de Planaltina em relação ao ribeirão Mestre d'Armas; e preocupações em relação à preservação do ribeirão. Foram aplicados 20 questionários, nos meses de Maio e Junho de 2014, com moradores de Planaltina que vivem no Setor Tradicional, há mais de 20 anos. Viver na cidade há mais de 20 anos foi um parâmetro definido para participar da pesquisa, pois a intenção era registrar as percepções sobre o ribeirão Mestre d'Armas e suas transformações ao longo do tempo. Os resultados do questionário foram expostos em narrativa, como forma de mostrar as falas dos moradores.

O Setor Tradicional foi escolhido para a aplicação do questionário porque é o núcleo original da cidade de Planaltina, além que dessa forma o questionário atingiu aqueles moradores que tiveram algum vínculo ou conhecimento sobre o ribeirão e assim puderam responder o questionário de forma concreta.

A pesquisa registrou o perfil dos entrevistados:

Sexo: 65 % dos entrevistados do sexo feminino e 35% do sexo masculino;

Idade: entre 40 e 83 anos;

Grau de escolaridade: 40% dos entrevistados têm o ensino fundamental incompleto, 15% o ensino fundamental completo, 20% o ensino médio completo, 10% o ensino superior completo e 15% a pós-graduação;

Tempo de residência em Planaltina: de 20 a 71 anos.

Moradores nascidos em Planaltina: 40% sim e 60% não.

## ÁGUAS, RIOS, HISTÓRIA E SENSIBILIDADES

A possibilidade de dominação da natureza e de seus recursos naturais motiva o homem e sua ambição sem limites a se auto proclamar e movimentar ao topo da hierarquia homem e natureza. Mas no século XX esse mesmo homem se viu envolto nas conseqüências de suas ações sobre esse ambiente em a qual declarava superioridade. As ciências humanas e sociais também buscam novas possibilidades de interpretação, integrando a natureza como parte dos seus objetos de estudos e pesquisas.

A história ambiental passa a existir a partir dos anos de 1970, no contexto dos movimentos ambientalistas, que despertaram na sociedade uma preocupação com questões relacionadas à natureza (WORSTER, 1991).

Nesse contexto, a história passa por reformulações nos seus conceitos teóricos e metodológicos, para incorporar na sua temática a relação homem e natureza ao longo do tempo. O historiador, ao trabalhar com a história ambiental de modo interdisciplinar procura entender um problema ambiental a partir da compreensão de valores, significados e representações e busca entender como a natureza estava inserida na vida desses homens.

As ciências sociais e humanas tratavam apenas de natureza sem considerar a presença do homem. A história ambiental passa a estudar o papel da natureza na sociedade (CASTRO, 2008).

O principal campo de atuação da história ambiental é esclarecer como o ser humano foi influenciado pela natureza e vice-versa. Nessa nova abordagem, as paisagens naturais são fontes valiosas de estudo. Nash acreditava que as paisagens naturais são reflexos dos ideais da sociedade. Aldo Leopold propôs a fusão da história com a ecologia, a fim de que uma fosse o pilar da outra (WORSTER, 1991).

Em 1929, os historiadores Marc Bloch e Lucien Febvre já tratavam de questões dessa ordem em uma revista chamada *Annales* publicada na França; eles escreviam sobre a influência dos ambientes e elementos naturais na vida humana (WORSTER, 1991).

De acordo com Worster (1991) as pesquisas no campo da história ambiental estão estruturadas em três níveis de estudo: o primeiro nível é o estudo da organização da natureza e a função de cada elemento e ser vivo que a compõe; já o segundo nível, procura entender o processo de utilização dos recursos naturais feito pela sociedade ao longo dos anos; enquanto

o terceiro versa sobre a percepção do homem na relação com a natureza. Esses níveis são os fundamentos para compreender a relação de uma determinada sociedade com o ambiente e as constantes mudanças que ocorrem nesse ambiente. Nas pesquisas, nos lembra Worster (1991), esses níveis devem estar diferenciados, mas ligados de forma a integrar aspectos ambientais, econômicos e sociais.

Para Drummond (1991), em um estudo de história ambiental o historiador se vê obrigado a tratar das temáticas físicas e ecológicas como parte da sua área de estudo de modo interdisciplinar.

Os historiadores ambientais não "visitam" protocolarmente as ciências naturais: dependem profundamente delas e muitas vezes trabalham em associação direta com cientistas naturais. Precisam entender o funcionamento dos ecossistemas para avaliar com correção o papel das sociedades humanas dentro delas, os limites da ação humana e a potencialidade de superação cultural desses limites. Frequentemente é preciso estudar até conceitos e achados "superados" ou "equivocados" dessas ciências, no caso (muito freqüente) de elas terem tido alguma influência identificável no modo como a sociedade estudada interveio no seu ambiente. Ou seja, as ciências naturais, além de "aliadas", podem ser também parte do próprio objeto de estudo, como manifestações culturais que ajudam a entender os padrões de uso dos recursos naturais (DRUMMOND, 1991:182).

Freitas (2002) declara que é difícil reconhecer e classificar as temáticas abordadas pela história ambiental em decorrência da sua interdisciplinaridade e sua vasta dimensão. Freitas (2002) cita William Cronon, que abordava em suas pesquisas as mudanças que o homem promovia no ambiente natural (a partir de contextos geológico, climatológico e ecológico) e como essas mudanças moldavam aqueles que estavam em volta; o principal objetivo de William Cronon era estabelecer a relação do homem com a natureza a partir da reflexão dessa relação:

A natureza que carregamos dentro nós é tão importante quanto a natureza que nos cerca, porque a natureza que está dentro de nós é com certeza o motor que dirige nossas interações com a natureza física, neste contínuo processo de transformação homem/natureza” (CRONON, 1995 *apud* FREITAS, 2002:159).

William Cronon (*apud* FREITAS, 2002) trabalha o conceito de natureza associado às dimensões cultural, econômica e política. Esse autor reconhece que o homem é parte da natureza, mas que o ambiente natural também deixa suas próprias marcas no ser humano (FREITAS, 2002).

Considerando a multidisciplinaridade que a história ambiental requer, ela aparece em trabalhos da ecologia e da geografia. Maurício de Abreu (*apud* FREITAS, 2002) publicou em

1992 a obra *A Cidade, a Montanha e a Floresta*. Essa obra trata do papel dos recursos naturais na formação das cidades brasileiras (FREITAS, 2002), demonstrando as possibilidades de pesquisas, estudos e interpretações com a história ambiental.

### **Os Rios e a História Ambiental**

Ao longo da história os rios foram importantes para o surgimento das primeiras cidades: no Egito, o rio Nilo; em Israel e na Palestina, o rio Jordão; na Mesopotâmia, os rios Tigre e Eufrates. Todas localizadas no Crescente Fértil, onde ocorreu a evolução de pequenos assentamentos humanos que ficavam próximos aos rios, tendo em vista que esses locais apresentavam abundância de água para abastecimento humano, dessedentação animal e irrigação da agricultura (FABER, 2011).

A presença de águas e rios na história da humanidade é recorrente, mas os processos de degradação também. Branco (1983) em seu estudo apresenta um panorama sobre a poluição nos seguintes rios Tâmsa (Inglaterra), Reno (Europa Continental), Ohio (América do Norte) e Tietê (Brasil).

Segundo ele, a poluição dos rios é um problema notado desde a época de Aristóteles. Branco (1983) estudou os organismos que habitam os rios degradados. Afirma que no século XVIII, a poluição nos rios aumentou em função do crescimento das cidades e da industrialização. Todo o esgoto produzido pelas cidades e pelas indústrias era despejado nos rios. O que resultou no extermínio de peixes e propagação de doenças como, por exemplo, o cólera. O rio Tâmsa, tinha suas águas escuras devido à alta carga de matéria orgânica, daí seu nome significar “rio negro”. Como medidas de precaução foram criadas duas Estações de Tratamento de Esgoto a Northern Outfall e a Southern Outfall, que conseguiram estabilizar os níveis de oxigênio do Tâmsa, que possibilitou o retorno dos peixes ao rio (BRANCO, 1983).

O Rio Reno também sofreu o mesmo problema que o Rio Tâmsa. O Reno atravessa cinco países: ele nasce na Suíça e passa pelos seguintes países Áustria, França, Luxemburgo e Alemanha até desaguar no Mar Norte. Durante a industrialização desses países, o esgoto era transportado de um país para o outro, o que gerava problemas internacionais. Diante dessa situação, o governo proibiu o uso dessas águas para natação e recreação, além de ter construído na margem jatos d'água responsáveis pela aeração da água (BRANCO, 1983).

Branco (1983) também constatou que o Rio Ohio recebia dejetos provenientes de indústrias, mineradoras e domicílios, o que ocasionava problemas de sabor na água e odor,



mortalidade de peixes e formação de espuma por causa dos detergentes sintéticos. O rio Tietê, localizado em São Paulo, ainda apresenta problemas de poluição, identificados nos outros rios estudados por Branco (1983).

Os rios, córregos, lagos e reservatórios que estão próximos a áreas urbanas padecem principalmente do despejo de esgoto doméstico e industrial, sedimento e lixo, além de outros problemas causados pela compactação do solo e desmatamento da vegetação nativa na margem (FAVERO; POMPEU, 2006).

Historiadores ambientais realizaram estudos com os rios trazendo outras abordagens. Gandara (2008) versa sobre os elementos simbólicos do rio Parnaíba – PI; Leandro Rocha (2008) trata da expansão urbana da cidade de Aruanã – GO em volta do rio Araguaia; Vanessa Brasil (2008) debate a importância do rio São Francisco na constituição do Brasil como nação; Carmem Izabel Rodrigues (2008) levanta a importância do rio Guamá como fronteira de inclusão ou exclusão para o bairro Jurunas em Belém; Maria de Fátima Oliveira (2008) trata da historicidade do rio Tocantins; esses pesquisadores abordam em seus trabalhos a importância histórica dos rios, seja para uma cidade, seja para as pessoas residentes naquelas localidades ou para uma atividade econômica (GANDARA; ROCHA; VIDAL, 2008).

Os rios também foram estudados como meios de locomoção entre as cidades do Brasil, já que não havia muitas estradas abertas. No decorrer do século XIX, o governo paranaense, com o intuito de modernizar a província do Paraná, desejava tornar o rio Iguaçu navegável para transportar mercadorias que saíam de Curitiba para as demais localidades que estavam à margem do rio; o transporte de cargas pelo rio Iguaçu ajudava a manter as vilas no interior do Paraná abastecidas, já que faziam parte do itinerário das viagens (KARPINSKI, 2012).

Numa tentativa de relacionar o espaço da natureza com os demais fatores de ordem política e simbólica, Arruda (2011) trabalhou o conceito de região de forma ampla que permitisse englobar a natureza, o território e o povo. Todavia, tanto a região quanta as fronteiras geográficas ou naturais e os estados nacionais não abarcavam as especificidades necessárias para a realização de seu trabalho. Na procura por uma delimitação mais abrangente, foi necessário recorrer a outras áreas científicas como a Geografia, da qual extraiu o conceito de Bacia Hidrográfica (que corresponde à área de drenagem de um curso d'água principal). Segundo Diogo Carvalho de Cabral, o uso do conceito de Bacia Hidrográfica é justificada quando as historicidades sociais, econômicas e ambientais estão compreendidas dentro do espaço (ARRUDA, 2011).

Para Arruda (2011), a área de drenagem é o local que representa melhor o espaço de estudo para a história ambiental, pois nela está inserida a fauna, a flora, a geografia, os elementos naturais que de forma sistemática garantem o equilíbrio da região, ainda mais quando o objetivo da pesquisa é levantar a historicidade ou relação homem e natureza na área de uma Bacia Hidrográfica. Nesses casos, a pesquisa examinará uma bibliografia mais restrita sobre o tema voltado principalmente sobre as mudanças ocorridas na área de drenagem; em outros casos, a investigação pode se aprofundar nas atribuições que foram dadas para aquele corpo d'água em estudo ao longo do tempo, por meio da perspectiva do homem com relação ao rio em um período estabelecido (ARRUDA, 2011).

Arruda (2011) ao analisar as mudanças de uso das corredeiras em seu estudo, observa:

Assim, por exemplo, as corredeiras foram e são para os grupos indígenas da bacia, locais nos quais são construídas as armadilhas para os peixes, os pari; foram empecilhos que dificultavam as perspectivas de navegação ao longo do século XIX; são percebidas como locais promissores para a transformação da energia em eletricidade e, nos estudos científicos, constituem-se em locais de “depuração” das águas do rio. Mais recentemente as cachoeiras e corredeiras passaram a ser consideradas como locais valorizados para a prática de ‘esportes radicais’ como o ‘rafting’ e o ‘rapel’ (ARRUDA, 2011:19).

Para entender a percepção do homem sobre um corpo hídrico é necessário fazer uso das demais ferramentas que as outras disciplinas oferecem, a interdisciplinaridade ajuda na construção da historicidade (ARRUDA, 2011).

Para Gandara (2009), os rios apresentam significados únicos, com várias representações como paisagens, ponto de encontro e patrimônio simbólico, muito além de ser um acidente geográfico. Para Arruda (2006), tanto os rios como outras áreas naturais estão sendo utilizados pelo homem de infinitas maneiras, seja para estabelecer um território como um país, estado, cidade ou uma extensão a ser preservada.

Para Victor Leonardi (1999), a história ambiental é a expressão de singularidades sociais derivadas das particularidades regionais amazônicas, como analisa em *Os historiadores e os rios*. Em sua análise, a diversidade ecológica é inseparável das diversidades cultural e social. O autor propõe a história regional como ponto de partida para a história ambiental.

## **Percepções e Sensibilidades Ambientais**

Percepções e sensibilidades ambientais são construídas a partir das relações entre natureza e sociedade; a partir das atitudes dos homens com seu meio ambiente (COSTA, 2013).

Sensibilidade é o termo empregado para definir a relação entre homem e natureza, que pode ser interpretada como o despertar para a necessidade de proteger a natureza, seja ela através de movimentos ambientais ou ações ecológicas, essas ações estão crescendo desde 1960. A sensibilidade ambiental engloba relações e percepções do homem com a natureza, seja ela para conservação ou destruição (COSTA, 2013; THOMAS, 2010).

Na obra de Thomas (2010) o termo sensibilidade aparece ao lado de percepção e sentimento. Segundo Thomas (2010), o homem nunca esteve envolvido completamente na visão antropocêntrica, o que possibilitou se questionar o seu lugar na natureza, cuidando da natureza para sua própria satisfação emocional.

Tuan (1983) traz para a literatura, a partir da geografia humana o conceito de topofilia, que está associada à experiência do homem com o lugar em que ele vive. Tuan (1983) chama a atenção para a importância de inserir nos estudos e planejamentos ambientais a compreensão do que as pessoas sentem sobre o espaço e o lugar, dentro das várias maneiras de experiências (sensório-motora, tátil, visual, conceitual) e interpretar espaço e lugar como imagens de sentimentos complexos, muitas vezes ambivalentes.

A topofilia é o elo afetivo entre a pessoa e o lugar, surge entre uma equação de percepções, atitudes e valores. A experiência direta e íntima no espaço ao longo do tempo, em uma apreensão da realidade vivida pelos diversos sentidos, arquiteta o significado de lugar. Já o conceito de espaço pode surgir de uma relação indireta, conceitual, racional, livre de memórias e sentimentos que atribuam um significado íntimo ao ambiente, como a percepção de um estudioso (TUAN, 1983).

A topofilia, segundo Tuan (1983) está presente na organização dos territórios, formação de identidades, relações entre sociedade e natureza, relações de poder. Contempla a complexidade do universo humano com o estudo dos fenômenos perceptivos e suas consequências.

## **História e Gestão Ambiental**

Para Bertazi (2010) a história ambiental foi uma antecessora da gestão ambiental. Em sua área de pesquisa, a história ambiental busca entender como o homem muda a natureza, enquanto a gestão ambiental procura conciliar a relação entre homem e natureza. A história ambiental auxilia no conhecimento dos contextos e determinantes históricos de uma área onde está sendo desenvolvido um trabalho de gestão ambiental, a história é um instrumento de trabalho, que auxilia nos trabalhos da gestão ambiental traçando uma linha histórica, que irá ajudar a prever impactos futuros no ambiente (BERTAZI, 2010).

O papel da gestão ambiental é fazer possível que as atividades antrópicas causem o mínimo de impactos à natureza. Os impactos são causados através da intervenção, seja ela neutra, positiva ou negativa. A gestão ambiental, além de restaurar uma área degradada, também procura entender o processo de degradação dessa área, a história irá fornecer a fonte de trabalho que irá traçar o histórico da transformação dessa área. Por isso, a gestão ambiental e a história ambiental devem caminhar juntas (BERTAZI, 2010).

## **RIBEIRÃO MESTRE D'ARMAS: HISTÓRIA E TRANSFORMAÇÕES**

### **Localização do Ribeirão Mestre d'Armas**

A maioria das bacias hidrográficas brasileiras tem suas nascentes localizadas no bioma Cerrado, assim essa região exerce uma grande função na dispersão de água em todo território brasileiro e inclusive da América do Sul. Entre os rios tributários das águas do Cerrado, destacam-se os rios Amazonas, Tocantins, Araguaia, São Francisco, Paraná, Paraguai, Parnaíba, Itaipuru, Pardo e Jequitinhonha. Portanto qualquer impacto causado aos recursos hídricos na área do Cerrado pode desencadear uma série de problemas nas demais bacias hidrográficas, por conta da baixa capacidade de suporte e de diluição de poluentes, problemas oriundos da expansão agrícola e do crescimento da população e das cidades (LIMA; SILVA, 2008).

Na região central do Brasil e nordeste do Distrito Federal está localizada a Estação Ecológica de Águas Emendadas. Ela foi criada em 1986 e cobre um total de 10.547 hectares. Na ESECAE ocorre um fenômeno único, a junção de duas importantes bacias nacionais, são elas a Bacia Tocantins e a Bacia Platina (ELEUTÉRIO, 2013). Dentro da Estação nascem o Córrego Vereda Grande, o Córrego Fumal e o ribeirão Mestre d'Armas. O Córrego Vereda Grande é formado pelos córregos Tabatinga, Cachoeirinha, Grota Seca e Serrinha, enquanto o Córrego Fumal é composto pelos córregos Brejinho, Cascarra, Vereda Grande e Monteiro; o Córrego Fumal é afluente do ribeirão Mestre d'Armas, que junto com o Rio Pípiripau formam o Rio São Bartolomeu (LIMA; SILVA, 2008).

O clima é um fator decisivo no Cerrado, por estar diretamente relacionado a disponibilidade de água para a recarga dos mananciais. O clima do Cerrado possui duas estações bem marcadas: a primeira é a da seca, de maio a setembro, e a segunda é a chuvosa, de outubro a abril. Durante o período chuvoso, a vazão dos rios aumenta em decorrência das chuvas e durante a estação de seca os rios são abastecidos pela água que foi armazenada no solo durante o período chuvoso; assim são constituídas as veredas, que são ambientes úmidos em virtude dos lençóis freáticos estarem próximos da superfície do solo, assim são formados os corpos hídricos localizados na Estação (LIMA; SILVA, 2008).

As características encontradas na ESECAE são únicas e é vital a preservação desse ambiente, que está sendo fragilizado pela forte presença humana como consequência da urbanização e desenvolvimento de suas atividades (LIMA; SILVA, 2008).

Essa área corresponde a uma região sensível, por se tratar de uma extensão de nascentes e veredas que possuem um papel de reservatório e filtro dos seus corpos hídricos, no qual infere sobre a qualidade, que está sendo comprometida pelo rápido processo de urbanização de Planaltina e algumas propriedades sitiadas no entorno da ESECAE (LIMA; SILVA, 2008).



Figura 1: Bacias Hidrográficas do Distrito Federal.

Fonte: Mapa Hidrográfico do Distrito Federal – Codeplan. Revisão da Topomímia dos cursos d'água do Distrito Federal – Codeplan, 1996 *apud* Comitê de Bacia Hidrográfica do Rio Paranoá, 2013.

O Rio São Bartolomeu forma a maior Bacia Hidrográfica do Distrito Federal, atravessa cidades de Planaltina, Sobradinho, Paranoá e São Sebastião; em Goiás passa pela Cidade Ocidental, Luziânia e Cristalina, para desaguar no Rio Corumbá, formador do Rio Paranaíba, que junto com o Rio Grande constitui o Rio Paraná (FUNDAÇÃO BANCO DO BRASIL; FUNATURA, 2008).

A Bacia Hidrográfica do Rio São Bartolomeu cobre o total de 1579.2 km<sup>2</sup>. Por drenar a maior parte da região do DF, essa bacia padece de uma forte ocupação do solo, gerando danos a vegetação natural (COMITÊ DA BACIA DO RIO PARANOÁ, 2009).

O ribeirão Mestre d'Armas é um dos principais rios que formam o rio São Bartolomeu. Tem a área total de 204.94 km<sup>2</sup>, a cobertura do solo da sub-bacia do ribeirão Mestre d'Armas corresponde, sobretudo, a Áreas de Preservação Permanente – APP, a qual equivale a ESECAE, onde se encontra a nascente do ribeirão Mestre d'Armas, que emana da Lagoa Bonita (FUNDAÇÃO BANCO DO BRASIL; FUNATURA, 2008). Na área da ESECAE é notada a presença da natureza sem a interferência humana, realidade bem oposta aos demais trechos do ribeirão, que sofre principalmente com as construções irregulares e retiradas das matas ao longo de suas margens e despejo de efluentes domésticos em seu corpo (FUNDAÇÃO BANCO DO BRASIL; FUNATURA, 2008).

### **Registros Históricos, Ocupação e Transformações nas Margens do Ribeirão Mestre d'Armas**

Nos séculos XVI, XVII e XVIII os historiadores registravam os rios em documentos como recurso natural e não atribuíam a eles descrições relacionadas ao uso ou ao contexto histórico. Durante as expedições de entrada para o sertão, os rios foram importantes para os bandeirantes, pois eram utilizados para a localização, navegação e consumo de água. Os cursos d'água ditavam a direção que as expedições deveriam seguir, dentre eles podemos citar o Rio São Francisco, o Rio Amazonas, o Rio Tietê e Rio Parnaíba (CÔRREA, 2006). “Mas o rio era a via, levava o sertanista para o interior. Esse foi o seu papel na história do Brasil, indicar o caminho para a construção da nação e conduzir os protagonistas dessa ação” (CÔRREA, 2006:7).

A procura por ouro nos estados do Goiás e Mato Grosso fez com que os mineradores, tropeiros e aventureiros desbravassem a Bacia do Rio São Bartolomeu. A passagem por essa região era importante para que os mesmos pudessem atravessar do litoral brasileiro para o sertão. Segundo descrições feitas por Saint-Hilaire, em 1819, a Bacia do Rio São Bartolomeu encontrava-se intocada, sem interferência antrópica. Esse cenário reverteu-se com a exploração do ouro na região com a instalação de grandes fazendas, na região do ribeirão Mestre d'Armas, no século XIX (MENDES, 2009).

Mendes (2009) relata que ao longo da história as nascentes que estão em volta da Lagoa Bonita, como é o caso do ribeirão Mestre d'Armas, sempre estiveram envoltas de mistérios e lendas, tal como a presença de uma enorme jazida de ouro em sua área. Essa história impulsionou vários aventureiros, que deixavam famílias, casas e empregos e partiam

em busca de uma nova oportunidade, mas foi à criação de gado a atividade econômica que prosperou e fez com que essas pessoas permanecessem e originassem a Vila Mestre d'Armas, atual Planaltina.

Os primeiros registros do ribeirão Mestre d'Armas datam da metade do século XIX, quando José Raimundo da Cunha Mattos (Governador das Armas de Goiás, na época) produziu um mapa resultado das visitas que fez aos povoados da região, em 1824. Planaltina, ainda Arraial de Mestre d'Armas, ganhou registro nos mapas da região, e é citado como referência devido a sua posição geográfica estratégica por estar localizado no centro divisor de bacias. Na figura 2, Mapa da Capitania de Goyas – 1824 é possível notar a presença de três lagoas, são elas: lagoa Mestre d'Armas ou Bonita, lagoa Feia e lagoa Formosa.

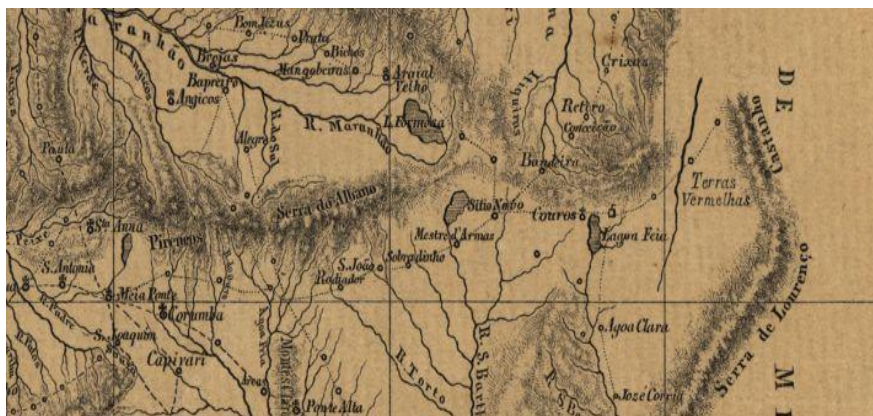


Figura 2: Mapa da Capitania de Goyas – 1824.  
Fonte: MAGALHÃES; ELEUTÉRIO, 2008 *apud* ELEUTÉRIO, 2013.

A primeira expedição científica realizada pelo Sertão de Góias, a Missão Cruls, chefiada por Luiz Cruls, em 1892, também traz registros da presença das águas, nascentes, córregos e rios na região de Planaltina. Essa expedição tinha o objetivo demarcar o local ideal para a construção da futura capital brasileira e esteve na região da ESECAE.



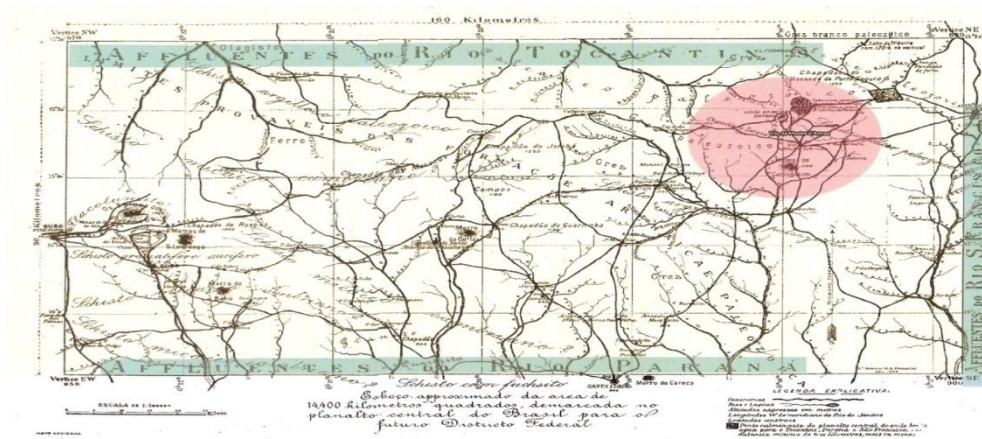


Figura 3: Mapa da Missão Cruis – 1892.  
Fonte: ELEUTÉRIO, 2013.

Na bacia do São Bartolomeu foram registrados onze rios, córregos e lagos que foram relacionados no Relatório da Missão Cruis, são eles: Saia Velha; Mesquita; Sant’Anna; Papuda; Tabócca; Parnauá (Paranoá); Pipiripau; Gama; Torto; Sobradinho; Mestre d’Armas. A figura abaixo mostra a extensão da Bacia do São Bartolomeu e sua extensa localização dentro do Distrito Federal. Podemos observar que a bacia corta o Distrito Federal de norte a sul, começando sua rota dentro do DF em Planaltina e terminando em Santa Maria.



Figura 4: Bacia do Rio São Bartolomeu.  
Fonte: Editoria de Arte do Correio Braziliense.

Existia uma preocupação, de acordo com informações do relatório Cruls, em encontrar terras que fossem banhadas por rios de águas abundantes e de boa qualidade, pois nessas terras seria construída a nova capital brasileira.

Felizmente, a nova capital do Brasil poderá ser abastecida com um volume d'água potável muito superior aquela (refere-se à cidade de Paris) e sem que se tornem necessárias obras de arte de grande custeio. O sistema hidrográfico da zona demarcada é com efeito de uma riqueza tal que qualquer que seja o lugar escolhido para edificação da futura capital, encontrar-se-á, sem grandes dificuldades, água suficiente para abastecê-la a razão de 1000 litros diários por habitante (Relatório da Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil, 1894, p. 109).

Uma das primeiras fontes de água a serem registradas foi a lagoa Mestre d'Armas. No dia 30 de agosto a missão chegou à Vila do Mestre d'armas, onde exploraram a lagoa, que media cerca de quatro quilômetros de comprimento por 800 metros de largura, “pobre em águas, de pouca profundidade”.

Seguem abaixo desenhos e croquis das medições feitas em alguns rios da Bacia do Rio São Bartolomeu.

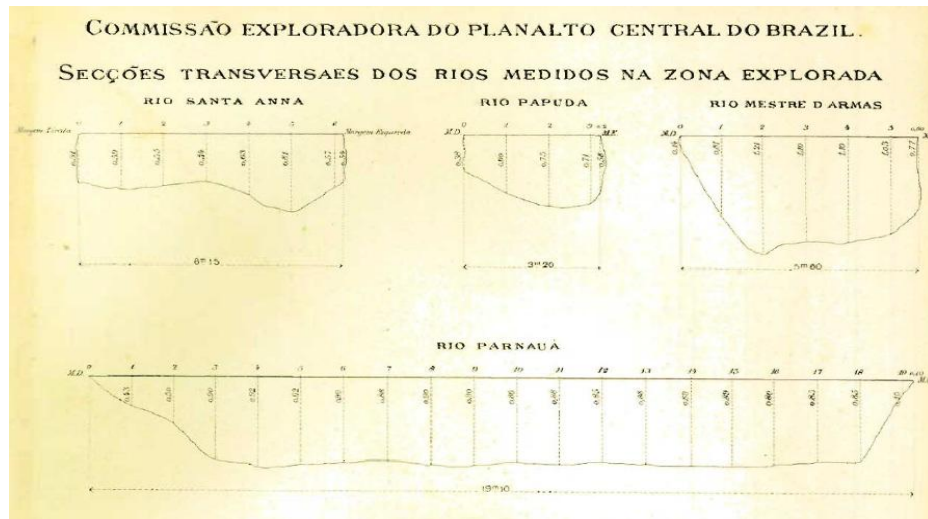


Figura 5: Medição de rios da Bacia do Rio São Bartolomeu.  
Fonte: Relatório da Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil, 1894.

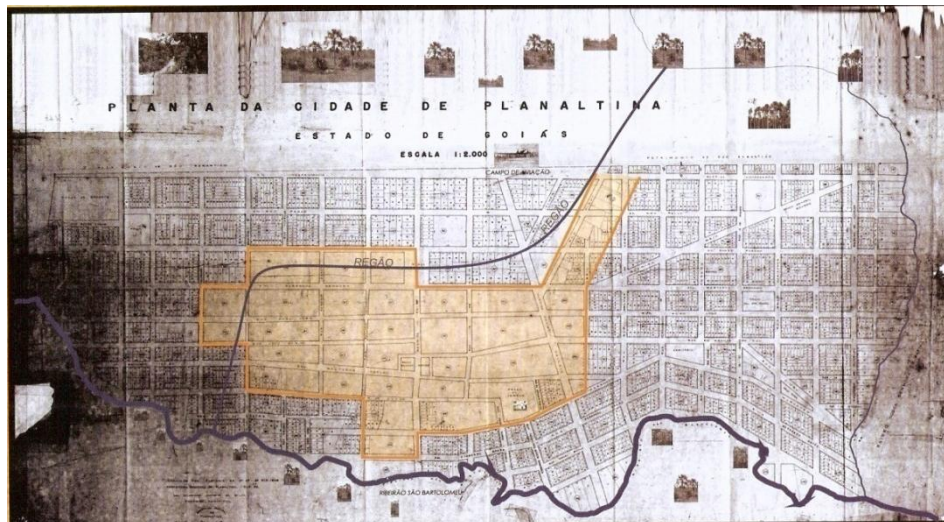
A história de Planaltina está associada aos seus cursos d'água. O pequeno povoado surgiu em torno de 1790, após um ferreiro descendente de bandeirantes, que manjava e consertava armas se instalar à beira de um riacho, que passou a ser conhecido como Mestre D'Armas. A cidade nasceu às margens desse riacho. Em 1810, o núcleo era formado por sete

sesmarias com 200 famílias (DEPARTAMENTO DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DO DF, 1998).

Primeiramente, o sítio de Mestre D'Armas era de domínio da Vila de Santa Luzia (atual Luziânia-GO); em 1837, passou a pertencer ao território do Julgado de Couros (atual Formosa-GO), e apenas em 14 de Julho de 1914 passou a se chamar Planaltina. Durante a década de 1920, a cidade passou por um processo de modernização: instalação de algumas empresas de curtume, fábrica de calçados, e principalmente a construção da estrada que a ligava com Ipameri e a fixação da Pedra Fundamental de Brasília, no ano de 1922, em comemoração ao centenário da Independência (DEPARTAMENTO DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DO DF, 1998).

Contudo, a maior mudança que Planaltina passou foi após a inauguração de Brasília, na década de 60, recebendo migrantes de toda parte do País, que buscavam na Nova Capital oportunidades de vida melhor. Para abrigar os recém chegados à Brasília, foram sendo criados novos bairros em Planaltina, como a Vila Buritis em 1969, Buritis II e III em 1980 e Jardim Roriz, Arapoanga e Estância Mestre d'Armas em 1990 (ELEUTÉRIO, 2013).

O núcleo original da cidade de Planaltina foi constituído ao longo do curso do ribeirão Mestre d'Armas. Era formado basicamente por cinco ruas na horizontal e mais cinco ruas na vertical. Entretanto com a construção de Brasília suas ruas também foram expandidas. Foram elas: Avenidas Gomes Rabelo, São Paulo, Independência, Setor Sul e Setor Norte (ELEUTÉRIO, 2013), como mostra a figura 6:



- Núcleo original de Planaltina – Setor tradicional
- Expansão: Avenida Gomes Rabelo, São Paulo, Independência, Setor Sul e Setor Norte

Figura 6: Planta de Planaltina – 1958.  
Fonte: ELEUTÉRIO, 2013.

Moradores vizinhos da Bacia do Rio São Bartolomeu, entrevistados por Mendes (2009), relatam que antes de Brasília seus rios eram limpos e que depois ficaram poluídos, a contenção das paisagens, fauna e flora também foram fortemente sentidas por esses moradores como mostra Mendes (2009):

Em sua entrevista à nossa pesquisa, Eleuza Paes Landim – ex-vereadora e moradora de Cristalina, cidade que fica na desembocadura dessa grande bacia – evoca os anos anteriores a 1960: “[...]. o rio ainda não era poluído antes de existir Brasília. A água ainda era muito limpa. (Hoje) o rio está abandonado por falta de cuidado com o meio ambiente. Nós passamos quase um ano com o rio quase seco. Tem de plantar mais árvores!”. A mãe da Senhora Eleuza, Dona Leontina Cunha Landim, também relembra os velhos tempos quando a fauna, a flora e as belas paisagens eram o cartão-postal da região. Para ela, “a água do rio nesse tempo era limpa. Depois o povo veio com Brasília e poluiu” (MENDES, 2009).

A tabela 1 mostra o crescimento populacional do DF nos anos de 1991, 2000, 2008 e 2010.

Tabela 1: População do Distrito Federal nos anos de 1991, 2000, 2008 e 2010

Regiões Administrativas	População								Taxa de Cresc. Anual	
	1991		2000		2008		2010		1991/2000 (%)	2000/2010 (%)
	Abs.	%	Abs.	%	Abs.	%	Abs.	%		
RA I - Brasília	212.650	13,28	198.422	9,67	205.030	8,26	204.835	7,94	-0,77	0,32
RA II - Gama	136.207	8,51	130.580	6,37	147.327	5,93	150.332	5,83	-0,47	1,43
RA III - Taguatinga	228.249	14,26	243.575	11,88	274.221	11,04	278.880	10,81	0,7	1,37
RA IV - Brazlândia	41.119	2,57	52.698	2,57	60.293	2,43	61.549	2,38	2,82	1,58
RA V - Sobradinho	81.521	5,09	128.789	6,28	194.378	7,83	212.045	8,22	5,26	5,16
RA VI - Planaltina	90.185	5,63	147.114	7,17	217.086	8,74	235.561	9,13	5,64	4,86
RA VII - Paranoá	39.066	2,44	54.902	2,68	68.499	2,76	71.440	2,77	3,89	2,69
RA VIII - Núcleo Bandeirante	27.888	1,74	36.472	1,78	45.733	1,84	47.745	1,85	3,06	2,75
RA IX - Ceilândia	364.289	22,75	344.039	16,77	361.601	14,56	363.046	14,07	-0,64	0,54
RA X - Guará	97.374	6,08	115.385	5,63	136.304	5,49	140.143	5,43	1,92	1,98
RA XI - Cruzeiro	51.230	3,2	63.883	3,11	78.531	3,16	81.536	3,16	2,51	2,49
RA XII - Samambaia	127.431	7,96	164.319	8,01	184.910	7,45	188.198	7,29	2,96	1,38
RA XIII - Santa Maria	14.833	0,93	98.679	4,81	117.769	4,74	121.710	4,72	23,68	2,14
RA XIV - São Sebastião	17.399	1,09	64.322	3,14	109.512	4,41	121.956	4,73	15,79	6,66
RA XV - Recanto das Emas	2.239	0,14	93.287	4,55	138.757	5,59	151.112	5,86	51,93	4,98
RA XVI - Lago Sul	27.431	1,71	28.137	1,37	27.990	1,13	27.640	1,07	0,29	-0,18
RA XVII - Riacho Fundo	5.675	0,35	41.404	2,02	62.546	2,52	68.567	2,66	24,97	5,22
RA XVIII - Lago Norte	22.183	1,39	29.505	1,44	34.416	1,39	35.328	1,37	3,25	1,83
RA XIX - Candangolândia	14.125	0,88	15.634	0,76	18.601	0,75	19.133	0,74	1,14	2,06
DF Total	1.601.094	100,00	2.051.146	100,00	2.483.505	100,00	2.580.757	100,00	2,82	2,34

Fonte: Censos IBGE e Projeções SEDUMA *apud* Plano Diretor de Ordenamento Territorial do Distrito Federal, 2009.

Planaltina, Região Administrativa VI do DF, está na quarta colocação com maior número de moradores. O crescimento da população fez com que os mesmos ocupassem áreas irregulares para fazer moradia. Junto com Sobradinho, Recanto das Emas e São Sebastião, Planaltina faz parte das RAs que mais sofrem pressão com crescimento urbano; em muitos casos, o crescimento populacional vem desacompanhado do saneamento básico.

O condomínio Estância Mestre d'Armas, em Planaltina-DF, é parte do processo de expansão. Está situado nas margens do ribeirão Mestre d'Armas e da ESECAE. Trata-se de uma área de ocupação em constante crescimento, como mostra a tabela 2. Nos anos de 2005 e 2006, foi realizado um estudo urbanístico, e foram delimitadas três Áreas de Regularização de Interesse Social – ARIS na região com o total de 722,325 hectares, dividida nas seguintes regiões: Itiquira, Estância Mestre D'Armas I, II, III, IV, V e VI, Estância Planaltina, Expansão

da Vila Nova Esperança, Módulos Rurais Mestre D'Armas, Nova Esperança, Park Mônaco, Residencial Nova Planaltina, Residencial Sarandy, Rural Mestre D'Armas (Recanto do Sossego), Setor de Mansões Itiquira, Setor de Mansões Mestre D'Armas I, Vila Nova Esperança, Vila Nova Esperança Chácara 33. Todos esses parcelamentos (com exceção do Residencial Sarandy) são de classe baixa e ocupam uma área que faz parte da Área de Proteção Ambiental – APA do Rio São Bartolomeu (PLANO DIRETOR DE ORDENAMENTO TERRITORIAL DO DISTRITO FEDERAL, 2009).

Tabela 2: Setor Habitacional Mestre d'Armas

Área de Regularização	Nº lotes	Área	População atual	População prevista	Lotes ocupados	Situação fundiária
ARIS Mestre D'Armas I	7.478	601 ha	25.347	29.958	6.292	Área Desapropriada Terracap e Área Particular
ARIS Mestre D'Armas II	381	56,80 ha	904	1.479	233	Área Desapropriada e Área Particular
ARIS Mestre D'Armas III	448	64,26	410	1.740	105	Área Desapropriada União, Área Desapropriada Terracap e Desapropriada em Comum

Fonte: Subsecretária de Análise de Parcelamentos Urbanos – SEDUH, 2006 *apud* Plano Diretor de Ordenamento Territorial do Distrito Federal, 2009.

Atualmente a paisagem que forma o ribeirão Mestre d'Armas é constituída por área urbana, área de agricultura e área de vegetação natural (que corresponde a área da ESECAE) (BILICH, 2007).

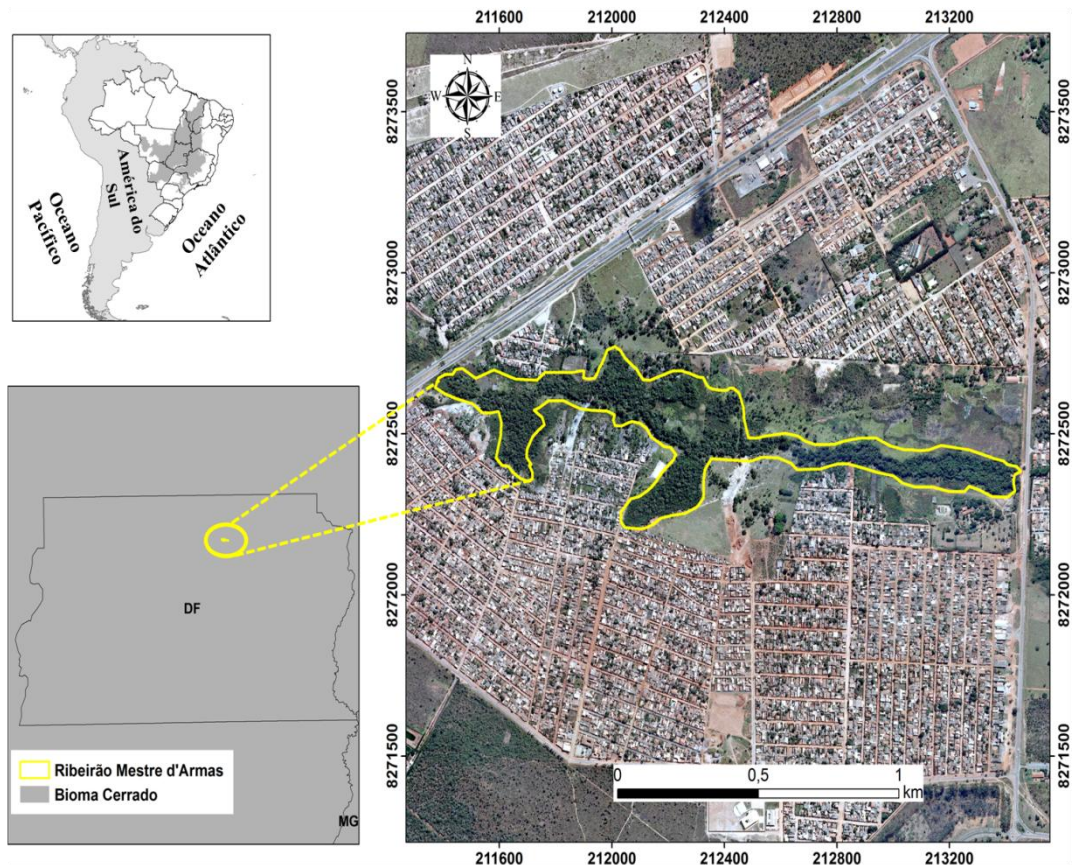


Figura 7: Mapa de localização do ribeirão Mestre d'Armas.  
Fonte: Acácia Oliveira, 2014

A água é um elemento vital para a manutenção da vida humana e dos ecossistemas. Além disso, a água adquire também o caráter econômico (BRAGA *et al*, 2008). De acordo com BRAGA *et al* (2008) no Brasil 70% da água é utilizada para a irrigação, 11% para o abastecimento humano, 11% para a dessedentação animal, 7% para as indústrias e 2% para o abastecimento rural. O Brasil está localizado no globo em um ponto estratégico pois possui em seu território 12% da água doce do mundo.

De acordo com os dados da ADASA (2011) como mostra figura 8 a vazão do ribeirão Mestre d'Armas variou ao longo dos anos de 1979 a 2004, no ponto a jusante ao Vale do Amanhecer, um bairro de Planaltina que está crescendo desde a década de 1980. Observa-se que os pontos elevados nos anos de 1980, 1990 e 2004, a montante do Vale Amanhecer, a CAESB – Companhia de Saneamento Ambiental do Distrito Federal, faz lançamento de esgoto após tratamento com a vazão média atual de 98 l/s (CAESB).

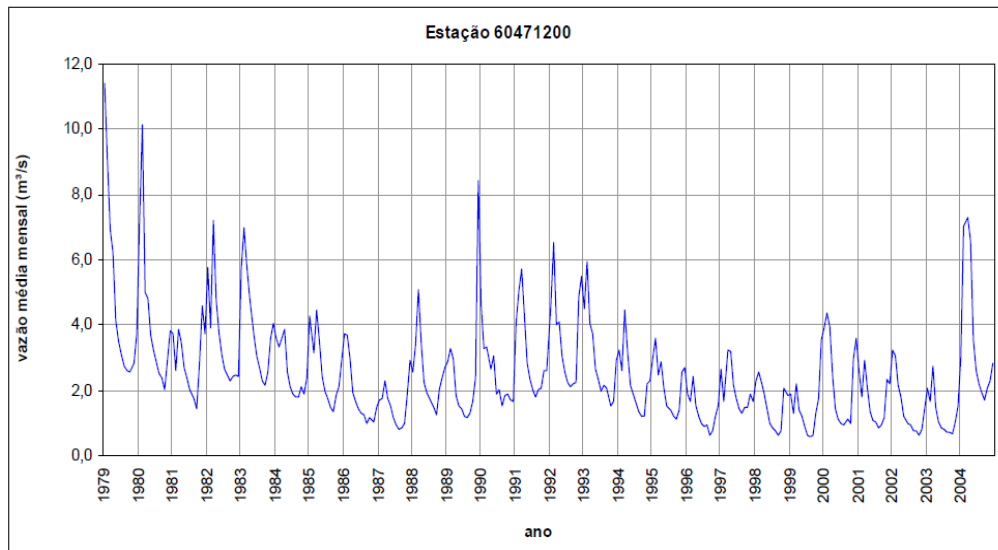


Figura 8: Vazões Médias do ribeirão Mestre d'Armas, Jusante do Vale do Amanhecer  
Fonte: ADASA, 2011.

Em um estudo realizado por Bilich (2007) no qual se avaliou os parâmetros físicos, químicos e biológicos da água do ribeirão Mestre d'Armas, observou-se que o Índice de Qualidade de Água – IQA do ribeirão Mestre d'Armas nos anos de 1996, 2000, 2003 e 2005 apresenta números baixos em relação aos outros períodos. Isso acontece porque quando chove a água não consegue infiltrar o solo por conta da pavimentação da cidade, por isso a água escoou para o ribeirão levando consigo materiais sólidos.

O mesmo estudo observa que o cloreto, substância que indica a presença de esgoto, foi outro parâmetro que variou ao longo desses anos por causa do crescimento de Planaltina, que evoluiu sem planejamento prévio e muitas vezes sem estrutura adequada como a falta de saneamento; somando a esses problemas há ainda os fertilizantes usados na agricultura que também são escoados para o ribeirão. Bilich (2007) concluiu que a ocupação do solo alterou a qualidade da água do ribeirão Mestre d'Armas e dos demais rios presentes na microbacia do ribeirão Mestre d'Armas, tais como nos Córregos Brejinho, Fumal, Corguinho, Quinze e Pipiripau. A principal causa são o crescimento desordenado de Planaltina e o uso do solo para agricultura.

No estudo realizado por Portela (2013), foi constatado que o ribeirão Mestre d'Armas recebe influência de esgoto doméstico clandestino, e que a BR 020 tem contribuído muito para o aumento do escoamento superficial, já que essa área não possui cobertura vegetal.



No dia 23 de Dezembro de 1996, por meio da Lei n. 1.318, foi criado o Parque Sucupira, localizado na entrada de Planaltina, com o intuito de preservar a vegetação nativa nas margens do ribeirão Mestre d'Armas e do córrego Buritizinho, onde é possível encontrar a presença de árvores como o pequi, jatobá, araticum, cagaitas e murici (OLIVEIRA, 2007). Infelizmente, ainda que o Parque Sucupira tenha sido criado, e recentemente implementado, ainda não consegue atender plenamente essa demanda.

Para Shiratori (2011), o ribeirão Mestre d'Armas está sendo impactado por causa dos parcelamentos para a criação de lotes, impermeabilização do solo, retirada da vegetação natural, além de outras atividades como a mineração e agropecuária. Durante a década de 1980, o Governo do Distrito Federal regularizou vários condomínios para que pudessem ser feitas obras de saneamento básico. O crescimento da cidade de Planaltina resultou no aumento de pessoas que necessitam de abastecimento de água, aumentando a captação de água que é feita no ribeirão Mestre d'Armas; aumentou também a quantidade de esgoto produzido e sem tratamento adequado. Outro problema que afeta a qualidade e a quantidade das águas do ribeirão Mestre d'Armas é a construção de poços artesianos na região com a criação de novos condomínios e moradias.

## PERCEPÇÕES SOBRE O RIBEIRÃO MESTRE D'ARMAS

Leonardi (1999) nos lembra que a memória tem amplos significados e que ela é diferente para cada indivíduo. Os moradores entrevistados têm em suas memórias elementos que fazem referência à presença do ribeirão Mestre d'Armas como parte de suas experiências de vida em Planaltina: usos, conservação, mudanças e transformações, ações futuras para o ribeirão são trazidos como parte das historicidades vivenciadas por aqueles moradores.

De acordo com o questionário, 60% dos entrevistados afirmam que fazem ou já fizeram uso do ribeirão Mestre d'Armas, enquanto 40% alegam que nunca fizeram nenhum tipo de uso. A análise e interpretação aqui descritas referem-se ao grupo de moradores que fizeram ou fazem uso das águas do ribeirão, mas também se referem aos 40% que nunca fizeram nenhum tipo de uso. Podemos observar que mesmo sem o uso direto do ribeirão, os moradores constroem suas percepções, demonstrando o elo afetivo entre a pessoa e o lugar (TUAN, 1983).

Os usos relacionados ao ribeirão Mestre d'Armas são diversificados e demonstram sensibilidades em relação ao meio ambiente de Planaltina que remontam aos tempos de infância, da adolescência ou ainda à fase adulta. O lazer associado a banhos, a piqueniques com a família e amigos, pescar, aparecem nos relatos registrando historicidades relacionadas ao ribeirão. O lazer é trazido como uma condição importante da qualidade ambiental do ribeirão.

“Quando pequena, ia com colegas da escola, para nadar.”

“Gostava de ir para banhar com o pessoal da escola.”

“Lazer, nadar e piquenique, hoje não!”

Usos domésticos como lavar roupa, abastecimento e outros usos estão presentes. A água para o abastecimento é relacionada a outros córregos no contexto do crescimento de Planaltina após a inauguração de Brasília, como no relato a seguir:

“Lavar roupa; na década de 1960, para abastecimento foram utilizados outros córregos.”

“Havia uma lagoa que não existe mais... o córrego Retirinho, que deságua no ribeirão Mestre d'Armas, teve seu curso mudado e houve diminuição do despejo de esgoto clandestino após a criação da ETE; havia muita captação irregular de água para uma olaria de telhados e irrigação de uma horta.”

Outros córregos e águas da cidade também aparecem, como a Piteira, o córrego Fumal:

“Banho, quando criança, na ponte do Fumal, na ponte da entrada da cidade e no atual clube da Pitéria, onde havia uma lagoinha.”

“Na década de 1970, a juventude usava para lazer, banho, piquenique, não havia muita diversão na cidade, tinha um local no ribeirão chamado de ‘fervedura’, logo abaixo da Piteira, onde a água borbulhava.”

Os usos do ribeirão também estão são associados aos aspectos da história, lugares da cidade, como a Igreja São Sebastião e superstições de um tempo que não existe mais:

“Brincava e banho; moradores tiravam a água do ribeirão Mestre d’Armas para jogar no cruzeiro da Igrejinha Velha para fazer chover.”

“Passeava com os amigos e filhos, pescavam, descia o ribeirão andando, até o Morro da Capelinha.”

Moradores chamavam o ribeirão Mestre d’Armas de ‘rio de Bichinho’ por causa de um morador apelidado de ‘Bichinho’ que morava nas margens. Desde 1960 já havia moradores nas margens, em menor quantidade do que hoje. Os moradores relataram que a vegetação na margem do ribeirão Mestre d’Armas era mais preservada, sendo possível notar a presença de animais e pássaros, como os soins, garças e araras, remetendo aos tempos de Planaltina como Arraial de São Sebastião de Mestre d’Armas, numa clara relação de que naquele período a natureza era mais preservada. A natureza relatada pelos moradores está preservada nas suas memórias, como descreveu Cronon (1995 *apud* FREITAS, 2002), em vista das mudanças ocorridas nas margens do ribeirão Mestre d’Armas.

“Chamava-se de ‘rio de bichinho’ por causa de um morador apelidado de bichinho que morava nas margens do ribeirão Mestre d’Armas. Antes era mais conservado, mas já havia moradores nas margens.”

“Na infância para nadar, principalmente perto da casa do Bichinho (onde hoje está a ponte que liga o Setor Tradicional à Estância) e perto do Vale do Amanhecer. Os homens iam mais ao ribeirão Mestre d’Armas; na década de 1960 havia mais restrições para sair para as mulheres.”

Atualmente, os moradores relatam que não vão mais ao ribeirão Mestre d’Armas para usos cotidianos como tomar banho, lavar roupa ou pescar. A atividade realizada no ribeirão consiste em trilhas e vistas guiadas que são feitas na Lagoa Bonita, nascente do ribeirão, que visam trabalhos de Educação Ambiental. Essas atividades se configuram como novos usos e estão relacionados às ações educativas voltadas para a preservação ambiental do ribeirão e em outras águas de Planaltina:

“Banhos e visita guiada.”

“Trabalhos de educação ambiental na Lagoa Bonita, nascente do ribeirão Mestre d’Armas, com trilhas guiadas.”

“Antes a Lagoa Bonita fazia parte de uma fazenda. Durante o governo José Aparecido, a fazenda foi desapropriada e foi incorporada à ESECAE; haviam estradas abertas da antiga fazenda, que hoje são usadas para trilhas, como na margem direita, onde nasce o ribeirão Mestre d’Armas.”

Para Gandara (2009), os rios proporcionam diversas formas de interpretações/representações. Pádua (2010) nos lembra que os sujeitos do passado não podem ser cobrados dentro da ótica dos valores atuais, e sim dentro de um contexto histórico. Portanto, toda forma de uso das águas do ribeirão Mestre d’Armas deve estar associada ao contexto histórico.

Até a década de 1970, o ribeirão Mestre d’Armas foi um lugar presente na vida de moradores de Planaltina, que realizavam nas suas margens piqueniques e usavam suas águas para recreação, tais como banho e pescaria. Essas idas ao ribeirão eram feitas em companhia da família, vizinhos, amigos e colegas de escola. Os locais mais visitados eram perto da casa de “Bichinho” (hoje onde está a ponte que liga o Setor Tradicional a Estância); no atual Clube da Pitéria, onde havia uma lagoinha que era chamada de “fervedura” (esse nome foi dado por causa da água que borbulhava) e perto do Morro da Capelinha e Vale do Amanhecer.

As principais mudanças sentidas por moradores são oriundas da expansão de Planaltina, após a década de 70. Muitas mudanças são identificadas, mas entre elas destacam-se a presença de muitas casas próximas ao ribeirão (anexo 2).

As mudanças também se somaram aos usos do ribeirão. O crescimento da cidade que atingiu também o ribeirão (em suas margens, águas e presença de animais) é sentido por moradores como impactos que mudaram não somente a relação com o lugar, mas o próprio ribeirão. As condições ambientais anteriores são ressaltadas pelos moradores entrevistados e ser uma área mais preservada permitia que relações mais próximas fossem mantidas com o ribeirão.

As árvores e matas preservadas são resgatadas nos relatos, que chegam a reconhecer a área do ribeirão Mestre d’Armas como parte do “pulmão verde” de Planaltina:

“Havia muito mato.”

“Existiam muitas árvores na sua margem”;

“Era cheio de árvores.”

“Vegetação bonita, rio de largo e havia muitos peixes.”

“Lindo, natural, sem casas nas margens, limpo e maior.”

“A mata ciliar bem densa e fechada, nas margens do ribeirão Mestre d’Armas podiam avistar soins, garças e muitos outros pássaros.”

A qualidade das águas é ressaltada pelos moradores entrevistados e aparecem com destaque nos relatos. A lembrança das “águas limpas” é sempre trazida e muitas vezes relacionada com fator de fundação da cidade ou fazendo referência a outros aspectos da história da cidade, seja em seu tempo pretérito ou como parte das condições atuais da cidade:

“O ribeirão era maior, água mais limpa.”

“Sua qualidade de água ajudou na escolha desse local para a construção de Brasília, é o único local de mata preservada, sendo o ribeirão Mestre d’Armas o pulmão verde de Planaltina.”

“Era limpo e maior volume de água.”

“Limpa, água pura, própria para consumo.”

“Era maior, mais limpo, período chuvoso suas água transbordavam e chegava à altura da ponte.”

A percepção e sensibilidades em relação à degradação sofrida pelo ribeirão são reforçadas entre os moradores ao chamarem a atenção para problemas que identificam como: assoreamento das margens, que tornou o ribeirão mais raso e a água suja. A presença de casas próximas ao ribeirão e sempre enfatizada como parte dos problemas que registram:

“Não havia muitas casas próximas do ribeirão; diferente de hoje com a expansão de casas no Setor tradicional e na Estância.”

“O crescimento da cidade fez a água ficar mais poluída.”

“Quando ele se mudou para Planaltina, a cidade não era tão grande e o número de casas foi aumentando, sem espaço para essa gente morar, eles acabam ocupando lugares que não próprios para morar.”

“A região do bairro da Estância era toda verde, hoje está cheia de casas.”

“Maior volume de água e mais limpa também, haviam poucas pessoas morando nas margens.”

A presença histórica do ribeirão é um elemento também trazido pelos entrevistados. O ribeirão Mestre d’Armas é trazido como parte do patrimônio ambiental de Planaltina e do DF, especialmente porque suas águas e sua preservação têm importante contribuição para o

Córrego Fumal, Rio São Bartolomeu e Bacia do Rio Paraná. O ribeirão Mestre d'Armas é único corredor ecológico entre a ESECAE e o Rio São Bartolomeu.

“O ribeirão Mestre d'Armas sofreu mudanças por causa do aumento de pessoas que moram em Planaltina. Era um rio mais preservado em seu leito e mais completo enquanto corredor da Zona de Amortecimento de Águas Emendadas; a visão dos animais, pássaros e árvores me remetia aos tempos de início do Arraial de São Sebastião de Mestre D'Armas.”

“Desde a época do Império já tinha a referencia de três lagoas localizadas hoje em Planaltina-DF, Planaltina de Goiás e Formosa em documentos e mapas, sendo referência a estrada Picada da Bahia.”

“O ribeirão Mestre d'Armas nasce dentro de uma unidade de conservação; a Lagoa Bonita é a maior lagoa natural do DF e tem relevância histórica, aparece nos registros na Missão Cruls. Contribuição para outros rios como o Córrego Fumal, Rio São Bartolomeu e Rio Paraná, fortalecendo a quantidade de água. Qualquer alteração nos corpos hídricos significa mudanças no clima e interfere na qualidade de vida das pessoas.”

A cidade de Planaltina cresceu às margens do ribeirão Mestre d'Armas. Os moradores entrevistados têm consciência da importância da sua conservação; consideram sua importância histórica devido ao fato dele nascer da maior lagoa natural do DF; além disso, lembram que a qualidade da água foi fator determinante para o surgimento de Planaltina e Brasília. Chamam a atenção para o fato do ribeirão Mestre d'Armas ser o único corredor ecológico entre a ESECAE e o Rio São Bartolomeu, e que cuidar das águas do ribeirão Mestre d'Armas ajuda na preservação das reservas de água do Brasil.

Para Costa (2013), ao se trabalhar com a sensibilidade ambiental, é preciso descartar a dualidade entre predador e conservador, em razão de que as duas visões possam existir juntas. A relação com meio ambiente e com o ribeirão são perceptíveis entre os moradores entrevistados. Eles lembram do ribeirão Mestre d'Armas com um leito mais preservado e com mais volume d'água. Hoje a realidade desse curso d'água é bem diferente. Além do impactante crescimento da cidade é possível identificar que sua nascente, embora preservada pela ESECAE, ainda é bastante ameaçada pela presença de fazendas que plantam soja; a presença de poços artesianos para o abastecimento de chácaras e condomínios e depósitos de lixo nas margens.

Esses impactos geraram ao longo do tempo desmatamento da vegetação nativa, mudança do curso do ribeirão Mestre d'Armas e assoreamento de suas margens. Uma das moradoras entrevistadas fala do ribeirão como “rio morto”, “porque ninguém tem mais coragem de visitar e tomar banhos como antes, por causa de esgotos clandestinos que são

despejados no ribeirão, ou a falta de fiscalização dos caminhões pipas que fazem captação irregular de suas águas”

As mudanças e problemas são destacados em função do crescimento da cidade e uma “visão negativa” do ribeirão vai sendo construída, num claro movimento de perda de relações com o ribeirão, considerado “quase sem vida”:

“Sujo e feio por causa do despejo do esgoto *in natura*.”

“O ribeirão Mestre d’Armas era grande, hoje pouca água corre em seu curso porque há muita gente morando nas margens.”

“Da época em que me mudei para perto, muitas mudanças aconteceram: invasões, desmatamento, mudança do curso do rio, assoreamento, plantação de árvores frutíferas, lixo, colocação de água e luz elétrica na proximidade, no leito do rio, crescimento de um clube na área, etc.”

“Assoreado, suas margens estão desmatadas por causa das casas e estão construindo novos bairros dentro do Parque Sucupira. O crescimento de Planaltina foi feito de forma desordenada através de uma política de atração de pessoas no qual o governo do Distrito Federal distribuía lotes. O uso agora do ribeirão Mestre d’Armas é pago, não está mais acessível como antes, por causa dos lotes nas margens e nem em boas condições para uso.”

“Hoje da para ver as pedras no fundo do ribeirão, muito lixo nas margens, principalmente plásticos e garrafas pets, redução da mata por causa dos loteamentos.”

“A mata foi sendo derrubada para a construção de mais moradias. Diminuiu o tamanho do ribeirão. Menor volume de água, que está mais suja, por conta do esgoto. No período de chuva a água o ribeirão chegava na ponte e ia até o condomínio Sarandy.”

“O ribeirão parecia maior; sua água está com cor de barro, muito lixo nas margens, as pessoas moram muito próximo do ribeirão, além do acesso ao ribeirão estar bloqueado por conta das casas, condomínios e chácaras.”

A preservação do ribeirão Mestre d’Armas também foi trazida pelos moradores entrevistados como uma ação voltada para a importância e valorização desse curso d’água. Percepções e sensibilidades para suas águas e a vegetação foram enfatizadas:

“Porque é importante preservar a água.”

“Porque não pode deixar a água e a mata na margem sumirem.”

Para alguns moradores, a ênfase se dá em relação ao valor histórico do ribeirão. As sensibilidades passam pela natureza, mas a história é recorrente. A história da cidade se entrecruza com o ribeirão, disso resulta a “responsabilidade compartilhada” no cuidado com o ribeirão, colocada como uma condição para sua preservação.

“Porque além de fazer parte da Zona de Amortecimento da Estação Águas Emendadas, ele é representativo para que a história da fundação de Planaltina

perpetue. E pensando assim, começamos a incluir e destacar o ribeirão como núcleo formador do Arraial, levando visitantes, alunos até seu leito.”

“O ribeirão Mestre d’Armas é patrimônio da cidade, lugar de lazer para os jovens e deveria se ter mais zelo e cuidado, através da guarda compartilhada.”

“Preservando o ribeirão é também preservar a vegetação nas margens.”

“Porque é um dos principais colaboradores do rio São Bartolomeu, temos que cuidar do ribeirão Mestre d’Armas para preservar as reservas de água do Brasil.”

“Fonte de água importante não só para Planaltina, mas também para outras cidades nas quais o rio São Bartolomeu passa.”

“Porque no ribeirão está a história de Planaltina, além de ser a primeira fonte de abastecimento da cidade por meio de regos, essa água era utilizada para lavar roupa, para o consumo eram utilizadas água de cisterna.”

“Porque é não se pode deixar a água acabar e maior preservação da mata ciliar.”

Moradores revelam que suas percepções e sensibilidades vão além do ribeirão e estão relacionadas a uma conscientização maior das questões ambientais de Planaltina e do Planeta, reforçando elementos ligados a sustentabilidade ambiental daquele curso d’água.

“Porque as pessoas necessitam de água para realizar certas atividades, como tomar banho, preparo de alimentos e consumo. Água é importante para a continuação da vida.”

“Porque suas águas são utilizadas pelos chacareiros que estão situados nas margens na agricultura, além de ter o ribeirão perto da cidade ajuda no controle da umidade da cidade, sua beleza deveria ser explorada de forma sustentável para o lazer dos moradores de Planaltina.”

“Porque é nossa responsabilidade cuidar da natureza para as próximas gerações. O ribeirão contribui com suas águas para outros rios; se a água vier a faltar aqui, faltará nos demais também.”

História, patrimônio ambiental, bem coletivo são percepções trazidas pelos entrevistados. A relação de moradores de Planaltina com o ribeirão é densa e a preservação como uma ação futura está relacionada à retomada do acesso porque o ribeirão Mestre d’Armas é um bem de todos: “O acesso ao ribeirão está difícil por conta das casas e chácaras que estão ao longo das margens, sendo que ele é um bem de todos os moradores de Planaltina.”



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho foi verificada as transformações sofridas e os danos causados ao ribeirão pelo crescimento da cidade de Planaltina, com os objetivos de (re)conhecer percepções de moradores de Planaltina sobre o ribeirão Mestre d'Armas; resgatar elementos da historicidade em torno do ribeirão Mestre d'Armas; e registrar impactos e mudanças sobre o Ribeirão ao longo do tempo foram.

A história ambiental é a disciplina que estuda a relação do homem com a natureza, mostrando com ambos foram transformados ao longo do tempo. Além de trazer elementos essenciais para a construção da historicidade dos rios, mostrando como foi o processo de ocupação e significados que os rios apresentavam na vida e relações dos homens.

A história da ocupação da região e a relação com o ribeirão Mestre d'Armas serviu para ajudar a compreender a importância do mesmo. O trabalho revela uma História Ambiental de Planaltina; que é uma importante fonte de análise do gestor, compreender historicidades e ter a visão histórica da natureza vai ajudar o gestor ambiental na sua tomada de decisão. É um desafio para o gestor ambiental repensar um novo modelo de ocupação, no qual garanta moradia para todos os cidadãos e que também não cause perturbações para os corpos hídricos, visando o crescimento de forma sustentável.

Foram sistematizadas percepções de moradores de Planaltina sobre o ribeirão, que revelaram olhares que tem como fundamento elementos da história e das transformações do ribeirão ao longo do tempo.

Constatou-se que os moradores de Planaltina utilizavam o ribeirão Mestre d'Armas como local de lazer, onde eles realizavam piquenique, pescaria e usavam suas águas para banho, essas atividades eram feitas na companhia de familiares e amigos. O volume de água que corria pelo ribeirão Mestre d'Armas era maior e a mata nas margens era mais preservada, segundo as memórias dos moradores.

Foi observado que ambos sofreram com as mudanças, tanto os moradores como o ribeirão, o primeiro sofreu com a perda dos usos que eram realizados antes e que não podem mais ser feitos em decorrência das mudanças que foram feitas no ribeirão, enquanto o segundo sofreu em virtude da ocupação da sua margem.

O ribeirão Mestre d'Armas padece principalmente da construção de casas ao longo da suas margens, que não respeitam as distâncias mínimas, em virtude dessa proximidade a vegetação nativa nas margens está suprimida, além da presença de lixo nas margens. A presença da ESECAE tem sido fundamental para a preservação do ribeirão, sendo o principal remanescente verde próximo e origem do ribeirão.

Os moradores de Planaltina percebem de forma negativa as mudanças ocorridas no ribeirão Mestre d'Armas, resultante do rápido crescimento da cidade, que o tornou poluído por esgoto e lixo, inapto para os usos que foram relatados. Nesse caso tanto o ribeirão Mestre d'Armas como os moradores sofreram com a expansão de Planaltina, o ribeirão porque tem sua qualidade da água comprometida e os moradores por perderem a relação que tinham com o ribeirão.

É de extrema importância a preservação dos corpos hídricos presentes no Cerrado, pois nessa região estão as nascentes, córregos e ribeirões que irão distribuir água para as demais regiões brasileiras como, por exemplo, os rios Amazonas, Tocantins, Araguaia, São Francisco e Paraná.

## REFERÊNCIAS

- ADASA. **Plano de Gerenciamento Integrado de Recursos Hídricos do Distrito Federal**PGIRH/DF. 2011. Disponível em: <[http://www.adasa.df.gov.br/images/stories/anexos/apndice%20a%20b%20e%20c\\_rtp3-rev02.pdf](http://www.adasa.df.gov.br/images/stories/anexos/apndice%20a%20b%20e%20c_rtp3-rev02.pdf)>. Acesso em: 7 de Mai. De 2014.
- ARRUDA, Gilmar. **Bacias Hidrográficas, Territórios, Paisagens e a História Ambiental**. Revista Porto, v. 01, p. 11 – 32, 2011.
- ARRUDA, Gilmar. **O Chão de Nossa História: Natureza, Patrimônio Ambiental e Identidade**. UNESP – FCLAs – CEDAP, v.2, n.2, 2006 p. 110. Disponível em: <<http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/80/448>>. Acesso em: 06 de Jun. de 2014.
- BAPTISTA, Sofia Galvão; CUNHA, Murilo Bastos. **Estudo de Usuários: Visão Global dos Métodos de Coleta**. Perspectivas em Ciência da Informação, v. 12, n. 2, p. 168 – 184, 2007. Disponível em: <[http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/905/1/ARTIGO\\_EstudoUsuarios.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/905/1/ARTIGO_EstudoUsuarios.pdf)>. Acesso em: 13 de Mar. De 2014.
- BERLINCK, Christian Niel. **Diagnóstico Sócio-Ambiental do Entorno da Estação Ecológica de Águas Emendadas (DF)**. 2008. 165 f. Tese (Doutorado em Ecologia) – Instituto de Ciências Biológicas, Universidade de Brasília, Brasília, 2008. Disponível em: <[http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/3652/1/2008\\_ChristianNielBerlinck.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/3652/1/2008_ChristianNielBerlinck.pdf)>. Acesso em: 3 de Jan.de 2014.
- BERTAZI, Marcelo Henrique. **A História Ambiental como Instrumento da Gestão Ambiental na Produção de Cana-de-Açúcar no Estado de São Paulo**. 2010. 105 f. Monografia (Trabalho de Graduação). Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2010.
- BERTRAN, Paulo. **História da Terra e do Homem no Planalto Central: Eco-História do Distrito Federal - do Indígena ao Colonizador**. Brasília: Verano, 2000.
- BILICH, Marina Rolim. **Ocupação das Terras e a Qualidade da Água na Microbacia do Ribeirão Mestre d'Armas, Distrito Federal**. Brasília: Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária, Universidade de Brasília, 2007, 134 p. Dissertação de Mestrado. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/2896>>. Acesso em: 25 de Abr. de 2014.
- BRAGA, Benedito; *et al.* **Pacto Federativo e Gestão de Águas**. Estudos Avançados 22 (63), 2008. Disponível em: <<http://periodicos.usp.br/index.php/eav/article/view/10291>>. Acesso: 8 de Abr. de 2014.
- BRANCO, Samuel Murgel. História e Geografia da Poluição. **Poluição: A Morte de Nossos Rios**. São Paulo, ASCETESB, 1983. Cap. 5, p. 69-82.
- CAESB. **Estações de Tratamento de Esgoto e Água**. Disponível em: <<http://www.caesb.df.gov.br/esgoto/conheca-as-unidades.html>>. Acesso em: 13 de Mai. de 2014.

CASTRO, Mário. **Realidade Pioneira**. Brasília: Ed. Thesaurus, 1986.

CASTRO, Maria Inês Malta. **Relexões sobre a História Ambiental**.v. 1, n. 1 (2003). Disponível em: <<http://www.publicacoesacademicas.uniceub.br/index.php/face/article/view/594/390>>. Acesso em: 15 de Mai. de 2014.

COMITÊ DA BACIA DO RIO PARANOÁ. **Bacia Hidrográfica do Rio São Bartolomeu**. Comitê da Bacia do Rio Paranoá. 2009. Disponível em: <[http://www.cbhparanoa.df.gov.br/bacia\\_bartolomeu.asp](http://www.cbhparanoa.df.gov.br/bacia_bartolomeu.asp)>. Acesso em: 10 de Mar. de 2014.

CÔRREA, Dora Shellard. **Os Rios na Formação Territorial do Brasil**. Considerações sobre a Historiografia Paulista. II Encontro da ANPPAS, Brasília – DF, 2006.

COSTA, Kelerson Semerene. As Sensibilidades Ambientais. **Meiaponte – História e Meio Ambiente em Góias**. Brasília: Paralelo 15, 2013. p. 155 – 176.

CRESWELL. John ,W. **Projeto de Pesquisa Qualitativa, Quantitativa e Misto**. 2. ed.Porto Alegre: Artmed, 2007.

DEPARTAMENTO DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DO DF. **Ruas de Planaltina**: Inventário do Patrimônio Cultural de Planaltina. Brasília, 1998.

ELEUTÉRIO, Robson. **Na Rota das Nascentes**: A História da Região do DF.Brasília: Editora Instituto Cerratense, 2013.

FABER, Marcos. **A Importância dos Rios para as Primeiras Civilizações**. História Ilustrada, v.2, 1ª Edição (Agosto 2011). Disponível em: <[http://www.historialivre.com/antiga/importancia\\_dos\\_rios.pdf](http://www.historialivre.com/antiga/importancia_dos_rios.pdf)>. Acesso: 29 de Mai. de 2014.

FAVERO, Jana Menegassi; POMPEU, Paulo Santos. **A Importância do Alto Rio Capivari para a Conservação da Ictiofauna do Rio Grande**. In: XI ENAPET, 2006, Florianópolis. Anais do XI ENAPET, 2006. Disponível em: <[http://www.enapet.ufsc.br/anais/A\\_IMPORTANCIA\\_DO\\_ALTO\\_RIO\\_CAPIVARI\\_PARA\\_A\\_CONSERVACAO\\_DA\\_ICTIOFAUNA\\_DO\\_RIO\\_GRANDE.pdf](http://www.enapet.ufsc.br/anais/A_IMPORTANCIA_DO_ALTO_RIO_CAPIVARI_PARA_A_CONSERVACAO_DA_ICTIOFAUNA_DO_RIO_GRANDE.pdf)>. Acesso: 15 de Jun. de 2014.

FREITAS, Inês Aguiar. **A Geografia na Construção de uma História Ambiental Brasileira**. Boletim Goiano de Geografia. 22(2): 155-168. jul./dez. 2002. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/index.php/bgg/article/viewFile/15391/9440>>. Acesso: 04 de Mai. de 2014.

FUNDAÇÃO BANCO DO BRASIL; FUNATURA. Diagnóstico Socioeconômico e Ambiental da Bacia do Rio São Bartolomeu. 2008.

GANDARA, Gercinair Silvério. **Rio Parnaíba... Um Cadinho de Mim e a História Ambiental**. Textos História, vol. 17, n. 1, 2009. Disponível em: <<http://seer.bce.unb.br/index.php/textos/article/viewFile/1665/1286>>. Acesso em: 05 de Jun. de 2014.

GANDARA, Gercinair Silvério; ROCHA, Leandro Mendes; VIDAL, Laurent. **História dos Rios no Brasil**. Revista Mosaico, v.1, n.2, p. 109 – 111, jul./dez., 2008.

KARPINSKI, Cezar. Navegação e conquista: o Rio Iguaçu para a província do Paraná (1856). **História Ambiental no Sul do Brasil: apropriações do Mundo Natural**. Jó Klanovicz, Gilmar Arruda, Ely Bergo de Carvalho (orgs.) São Paulo: Alameda, 2012. p 89 – 106

LEONARDI, Victor Paes de Barros. Memória dos Rios de Água Preta. **Os Historiadores e os Rios: Natureza e Ruína na Amazônia Brasileira**. Brasília: Paralelo 15, Editora Universidade de Brasília, 1999.p. 1991 – 218.

LIMA, Jorge Enoch Furquim Wenerck; SILVA Euzébio Medrado. Hidrografia. **Águas Emendadas**/Distrito Federal. Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente; Fernando Oliveira Fonseca (org.). Brasília: Seduma, 2008. p. 110 – 116.

MENDES, Xiko. **A Bacia do Rio São Bartolomeu Antes e Depois de Brasília**. Fundação Banco do Brasil (FBB), Fundação Pró-Natureza (Funatura), Brasília – DF , 2009. Disponível em: <<http://academiaplanaltinensedeletras.blogspot.com.br/2009/07/historia-do-rio-sao-bartolomeu-e.html>>. Acesso em: 28 de Abr. de 2014.

MINAYO, Maria Cecília Souza. **Pesquisa Social: Teória, Método e Criatividade**. Petrópolis, Vozes, 2001. In: SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A Pesquisa Científica. **Métodos de Pesquisa** [organizado por] Tatiana Engel Gerhardt e Denise Tolfo Silveira; coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pela Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

OLIVEIRA, Rejane Araújo. **O Parque Recreativo Sucupira e as Memórias do Cerrado**. IV Encontro Nacional e II Encontro Latino-americano sobre Edificações e Comunidades Tradicionais, 2007. Disponível em: <[http://www.elecs2013.ufpr.br/wp-content/uploads/anais/2007/2007\\_artigo\\_114.pdf](http://www.elecs2013.ufpr.br/wp-content/uploads/anais/2007/2007_artigo_114.pdf)>. Acesso: 12 de Jun. de 2014.

PÁDUA, José Augusto. **As Bases Teóricas da História Ambiental**. Estudos Avançados [online]. São Paulo, 2010, v.24, n.68, p. 81-101. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142010000100009&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142010000100009&script=sci_arttext)>. Acesso em: 27 de Ago. de 2013.

PLANO DIRETOR DE ORDENAMENTO TERRITORIAL DO DISTRITO FEDEAL. Documento Técnico. Novembro 2009. Disponível em: <[http://www.sedhab.df.gov.br/images/pdot/doc\\_tecnicos/documento\\_tecnico\\_%20pdot.pdf](http://www.sedhab.df.gov.br/images/pdot/doc_tecnicos/documento_tecnico_%20pdot.pdf)>. Acesso em: 15 de Mai. de 2014.

PORTELA, Joelma Ferreira. **Avaliação da Qualidade da Água na Área de Influência Direta da Estação Ecológica de Águas Emendadas**. 2013. 70f. Dissertação (Mestrado em Química) – Instituto de Química, Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: <[http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/15113/1/2013\\_JoelmaFerreiraPortela.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/15113/1/2013_JoelmaFerreiraPortela.pdf)>. Acesso em: 12 de Jun. de 2014.

RELATÓRIO DA COMISSÃO EXPLORADORA DO PLANALTO CENTRAL DO BRASIL. Brasília. CODEPLAN. 5 ed. (1995). 343p. 1894.

SHIRATORI, Ivy Jovita. **Diagnóstico Ambiental da Sub-bacia Hidrográfica Mestre D'Armas**. 2011. 22f. Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura em Biologia – Instituto de Ciências Biológicas da Universidade de Brasília. Disponível em: <[http://bdm.bce.unb.br/bitstream/10483/2491/1/TCC\\_Asa%20Norte\\_Ivy%20Jovita%20Shirat ori.pdf](http://bdm.bce.unb.br/bitstream/10483/2491/1/TCC_Asa%20Norte_Ivy%20Jovita%20Shirat%20ori.pdf)>. Acesso em: 12 de Jun. de 2013.

SILVERMAN, David. **Interpretação dos Dados Qualitativos**. São Paulo. Editora: Artmed, 2009.

THOMAS, Keith. **O Homem e o Mundo Natural: Mudanças de Atitudes em Relação às Plantas e os Animais (1500 – 1800)**/ Keith Thomas: tradução João Roberto Martins Filho; consultor desta edição Renato Janine Ribeiro; consultor de termos zoológicos Márcio Martins. – São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 343 – 428.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente**. Londrina: Eduel, 1983.

WORSTER, Donald. **Para Fazer História Ambiental**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro. vol. 4, n. 8. 1991, p. 198 - 215. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2324/1463>>. Acesso em: 01 de Abr. de 2014.

## ANEXO

### Anexo 1

#### Questionário aplicado com os moradores de Planaltina

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA/FACULDADE UnB PLANALTINA  
GESTÃO AMBIENTAL**

**Prezado (a) Senhor (a)**

O objetivo deste questionário é conhecer sua visão sobre o Ribeirão Mestre d'Armas. A pesquisa é parte do meu Trabalho de conclusão de curso de Gestão Ambiental da Faculdade UnB Planaltina.

Abaixo, algumas orientações:

- Fique à vontade para responder o questionário, seja o mais verdadeiro possível.
- A participação na pesquisa é voluntária, contudo, a sua participação é importante.
- Leia com atenção as perguntas.

**Desde já, agradecemos sua participação!**

1. Nome:
  
2. Sexo:  
 Feminino                       Masculino
  
3. Idade:
  
4. Escolaridade:  
 Fundamental Incompleto                       Fundamental Completo  
 Médio Incompleto                       Médio Completo  
 Superior Incompleto                       Superior Completo  
 Pós-graduação
  
5. Há quanto tempo mora em Planaltina?
  
6. Você fez ou faz uso do Ribeirão Mestre d'Armas?  
 Sim                       Não  
Qual (is)?
  
7. Como era o Ribeirão Mestre d'Armas antes?
  
8. Em sua opinião o Ribeirão Mestre d'Armas sofreu quais mudanças?
  
9. Você acha importante preservar o Ribeirão Mestre d'Armas?  
 Sim                       Não  
Por quê?

---

Obrigado por ter participado! Para saber os resultados desta pesquisa, escreva para:  
acacia.souzaoliveira@gmail.com

## Anexo 2

### Fotos do Ribeirão Mestre d'Armas



Ribeirão Mestre d'Armas próximo a Estância Mestre d'Armas.  
Fonte: Acácia Oliveira, 2014.



Casa na Estância Mestre d'Armas, às margens do ribeirão Mestre d'Armas.  
Fonte: Acácia Oliveira, 2014.





Ribeirão Mestre d'Armas próximo ao Setor Tradicional.  
Fonte: Acácia Oliveira, 2014.



Casas no Setor Tradicional às margens do ribeirão Mestre d'Armas.  
Fonte: Acácia Oliveira, 2014.



Lixo às margens do ribeirão Mestre d'Armas na Estância Mestre d'Armas.  
Fonte: Acácia Oliveira, 2014.



Lixo às margens do ribeirão Mestre d'Armas, no Setor Tradicional.  
Fonte: Acácia Oliveira, 2014.



Mata ciliar do ribeirão Mestre d'Armas.  
Fonte: Acácia Oliveira, 2014.